

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
EUNICE MARGARIDA BARBARINI SALVATO



1290001285



FE

TCC/UNICAMP Sa38m

**MEMÓRIAS DE UMA CIDADE DO INTERIOR:
REVISITANDO O PASSADO PARA
COMPREENSÃO DO PRESENTE**

CAMPINAS, 2004

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
EUNICE MARGARIDA BARBARINI SALVATO

1477/14007

**MEMÓRIAS DE UMA CIDADE DO INTERIOR:
REVISITANDO O PASSADO PARA
COMPREENSÃO DO PRESENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência parcial
para o Curso de Pedagogia da
Faculdade de Educação, UNICAMP,
sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Maria
Carolina Bovério Galzerani.

Campinas, 2004

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
EUNICE MARGARIDA BARBARINI SALVATO



1290001285



FE

TCC/UNICAMP Sa38m

**MEMÓRIAS DE UMA CIDADE DO INTERIOR:
REVISITANDO O PASSADO PARA
COMPREENSÃO DO PRESENTE**

CAMPINAS, 2004

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
EUNICE MARGARIDA BARBARINI SALVATO

1477/14007

**MEMÓRIAS DE UMA CIDADE DO INTERIOR:
REVISITANDO O PASSADO PARA
COMPREENSÃO DO PRESENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência parcial
para o Curso de Pedagogia da
Faculdade de Educação, UNICAMP,
sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Maria
Carolina Bovério Galzerani.

Campinas, 2004

UNIDADE	FE
Nº CHAMADA	TCC/Unicamp
	Sa38m
	1285
	11/12/2004
	X
	R\$ 11,00
	29.10.04
	Pub. n.º 24851

Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP

Sa38m Salvato, Eunice Margarida Barbarini.
Memórias de uma cidade do interior : revisitando o passado para
compreensão do presente / Eunice Margarida Barbarini Salvato. --
Campinas, SP: [s.n.], 2004.

Orientador : Maria Carolina Bovério Galzerani.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. História – Filosofia. 2. Teoria do conhecimento. 3. Memória. 4.
Valinhos – História. I. Galzerani, Maria Carolina Bovério. II. Universidade
Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

04-137-BFE

Agradecimentos

À minha mãe Pierina (in memoriam), que onde quer que esteja, deve estar muito orgulhosa da conquista de sua filha.

Ao meu pai Alberto, pela presença diária nos finais de tarde, incentivando-me a continuar a jornada.

Aos meus irmãos e aos meus sobrinhos, pelas partilhas, pelo incentivo e reconhecimento do meu trabalho.

À Natália, o eterno amor maternal e a certeza de uma grande amiga, para sempre.

Ao Paulo, um agradecimento mais que especial, carregado de carinho; pela paciência, dedicação, colaboração, por todos os momentos em que foi meu ouvinte e confidente.

À minha orientadora Prof^a. Maria Carolina, uma educadora especial, sensível, competente e companheira nas minhas reflexões.

Ao G15, meu “grupo de estudos” favorito. À amiga Cristiane, pelo apoio no início deste trabalho.

À amiga Jane, pelo incentivo, alto astral, pelos momentos alegres, tensos, tristes e engraçados que compartilhamos nesta jornada. Sua presença foi fundamental para seguir em frente e acreditar que estávamos no caminho certo.

À Sandra, diretora do Colégio Carpe Diem, pela oportunidade de poder realizar este trabalho, baseando-me em reflexões educacionais advindas da minha prática docente, nesta instituição de ensino.

Aos meus companheiros na jornada educacional, professores com os quais tenho a honra de trabalhar e compartilhar meus anseios, angústias e alegrias.

Aos meus alunos, pelas descobertas que fizemos juntos, neste processo de (re)construção histórica do espaço em que vivemos e que passamos a conhecer e respeitar.

À Deus, presença constante em todos os momentos de minha vida.

INFÂNCIA

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.
Minha mãe ficava sentada cosendo.
Meu irmão pequeno dormia.
Eu sozinho menino entre mangueiras
lia a história de Robinson Crusoé,
comprida história que não acaba mais.

No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu
a ninar nos longes da senzala – e nunca se esqueceu
chamava para o café.
Café preto que nem a preta velha
café gostoso
café bom.

Minha mãe ficava sentada cosendo
olhando para mim:
- Psiu... Não acorde o menino.
Para o berço onde pousou um mosquito.
E dava um suspiro... que fundo!

Lá longe meu pai campeava
no mato sem fim da fazenda.

E eu não sabia que minha história
era mais bonita que a de Robinson Crusoé.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	
1.1 – Algumas histórias do baú de memórias	06
1.2 – Os seres humanos transformaram-se nesta localidade ao longo do tempo?.....	14
2 – ETAPAS DA PROPOSTA DE TRABALHO REALIZADA	
2.1 – Largo São Sebastião – um lugar das memórias valinhenses	22
2.2 – As ruas da cidade: novos olhares, muitas reflexões.....	31
2.3 – O homem público – um ser em extinção?	34
2.4 – Tic-tac, olha a hora, o ônibus já vai partir.....	39
2.5 – Rua Sete de Setembro: quantas transformações!	45
2.6 – Baú de memórias – resistências/preservação: Museu de Valinhos.....	59
2.7 – Permanências? Resistências? Histórias significativas? É a Rua Doze de outubro.....	61
3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	
3.1 – Refletindo um pouco mais.....	64
4 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	76
5 - ANEXO	
5.1 - Crédito das ilustrações.....	79

ALGUMAS HISTÓRIAS DO BAÚ DE MEMÓRIAS

Guardo na memória um caminho marcado por fragmentos, no início de minha carreira como professora, em meados de 1985.

Primeiro uma época de angústia e ansiedade nas atribuições de aulas como professora ACT (professor admitido em caráter temporário), que se misturava a uma enorme vontade de começar a trabalhar com os alunos. Quantas e quantas sextas-feiras indo até a Escola Estadual de Segundo Grau “Culto à Ciência”, na expectativa de conseguir aulas de uma licença ou uma aposentadoria de algum professor efetivo da rede pública de ensino. Fragmentos sentidos justamente nestas salas de aulas, “leiloadas” entre os ACTs; pois me enxergava como um profissional produzindo algo que não conseguia encarar como um verdadeiro conhecimento, nas aulas que substituía, ora por uns dias, ora por alguns meses, mas sem poder sentir um começo e um desenrolar do meu trabalho.

Apesar destes percalços, efetivei-me, depois de estudar muito para o concurso, na Escola Estadual de Primeiro Grau “Padre Leopoldo Petrus van Liempt”, na cidade de Valinhos, em 1990. Como já lecionava nesta escola como ACT, foi uma passagem tranqüila e reconfortante. Afinal, a efetivação na rede pública de ensino era uma meta que eu desejava há muito alcançar, ainda mais no local onde já havia estabelecido vínculos, tanto com os alunos, como com os demais funcionários da instituição.

Nesta escola, os projetos em andamento sempre foram amparados por uma direção competente e amiga, que propiciava a todos os profissionais

envolvidos a formação de uma verdadeira equipe de trabalho, sintonizada e sincronizada em torno da proposta pedagógica colocada em ação na escola. Uma equipe que aprendeu a lutar por melhores condições de ensino e de trabalho. Quantas greves, passeatas, assembléias...

Em 1992, mudava a direção da escola e com ela mudaria também toda a dinâmica até então trabalhada. Muitas foram as decepções e amarguras, num processo que limitou a participação dos docentes nas decisões da escola. Com a mudança, também vi meus projetos profissionais se definharem.

Parti para novas conquistas, novos caminhos. Em 1994 fui convidada a assumir uma sala de aula num colégio da rede particular de ensino, em Valinhos. Em 1995, desliguei-me definitivamente da escola pública.

Em 2000, depois de longo período afastada dos bancos escolares, na condição de aluna, ingresso na Universidade Estadual de Campinas, no curso de Pedagogia noturno e inicio uma nova etapa em minha vida. Guardo as marcas desse espaço que reservou momentos de reflexão sobre os sentidos do ato de educar e as possibilidades educativas com as quais nos deparamos nesta trajetória.

Lendo reflexões sobre o pensamento de Walter Benjamin (2000), chamou-me muito a atenção o fato do pensador berlinense colocar em discussão a importância da rememoração, a partir da dimensão presente. Estou agora rememorando minhas experiências de educadora com um olhar crítico, tentando relacionar lugares, tempos e visões interpessoais nesta caminhada educacional. Faz muito bem rememorar, ressignificar momentos experimentados e vividos, podendo manter ou alterar rumos e trajetórias do

presente para o futuro, ampliar os significados vividos, tanto numa dimensão pessoal como coletiva.

Refletindo um pouco mais, perguntei-me: se rememoro e ressignifico minhas experiências, posso viabilizar meios para que meus alunos tenham a mesma oportunidade, frente às suas memórias significativas? Conseguiriam eles situarem-se como cidadãos participativos da cidade em que vivem? Posso incentivá-los à observação e discussão das mudanças e permanências presentes neste espaço em que vivem e situarem-se como sujeitos constituintes da história dessa cidade?

A escolha da experiência relatada neste trabalho deu-se por ela sistematizar procedimentos metodológicos voltados para a (re)construção do passado, procurando compreender o presente e redirecionar o futuro, se possível for.

O principal enfoque deste trabalho é posicionar e fortalecer o aluno como agente produtor e transformador da história do lócus em que vive. Tal trabalho desenvolveu-se junto às segundas séries do Ensino Fundamental I, no Colégio Carpe Diem, na cidade de Valinhos, ao longo do ano de 2003.

As crianças, participando de um trabalho de produção de conhecimentos históricos relativos ao município, também retomaram a trajetória do Colégio, desde quando era uma instituição de Educação Infantil até os dias atuais.

Em 1978, foi fundado na cidade de Vinhedo-SP, o Instituto de Educação Infantil GURI. A atual administração assumiu a escola em 1983 e dois anos depois, em 1985, foi fundada a Unidade II, na cidade de Valinhos. Em 1988, a escola separou-se da unidade de Vinhedo e passou a

chamar-se “Escola de Educação Infantil GURI”. Com novas diretrizes, em 1997, a escola passou a denominar-se “Colégio Carpe Diem”, atendendo a crianças e adolescentes, desde a Educação Infantil até o Ensino Fundamental.

O Colégio funciona atualmente em dois períodos, manhã e tarde, com aproximadamente 270 alunos. Apresenta uma proposta pedagógica baseada nas teorias de Vygotsky e Piaget, priorizando atividades que fortalecem a interação entre os indivíduos participantes do processo educacional, bem como a participação e interação dos alunos com o mundo que os cerca. As atividades propostas estimulam a reflexão, o espírito crítico e investigativo, bem como a elaboração e a produção individual e coletiva dos alunos.

A experiência educacional aqui relatada, voltada para a segunda série do ensino fundamental, envolveu procedimentos metodológicos que me orientaram, enquanto professora pesquisadora no decorrer do trabalho, a fazer escolhas e recortes temáticos, na relação com o conteúdo programático adotado pela escola para esta série, bem como em relação com o material didático previamente escolhido por ela.

A proposta dessa atividade com os alunos na faixa etária de 8-9 anos, desenvolvida no Colégio Carpe Diem, em Valinhos, envolveu as áreas disciplinares de história e geografia. Ou seja, teve como alvo fundamental a produção de conhecimento sobre este município, desde quando era um pouso de tropeiros, no final do século XIX, até os dias atuais; município este marcadamente caracterizado pela colonização italiana e que sofreu transformações, tanto em aspectos geográficos quanto históricos.

As atividades realizadas basearam-se em fontes históricas orais, escritas e iconográficas, existentes no Museu de Valinhos, em entrevistas realizadas com moradores antigos da cidade, bem como com os próprios alunos e familiares dos alunos. Dentre os documentos iconográficos, os fotográficos foram um recurso de extrema valia, possibilitando mapear mentalmente momentos desta história local.

Esse processo de (re)constituição da história do município retomou, marcadamente, princípios do historiador inglês Edward Palmer Thompson, reconhecendo que a história é produzida pelos diferentes sujeitos, nas suas relações sociais, as quais em suas lutas produzem transformações em suas “realidades” espaço-temporais.

Segundo Thompson (1981), podemos nos identificar com certos valores aceitos pelos sujeitos participantes da história no passado e rejeitar outros. Estamos, então, dizendo que determinados valores e não outros “são os que tornam a história significativa para nós, e que esses são os valores que pretendemos ampliar e manter em nosso próprio presente”.

Nesse (re)construir da história, os sujeitos são homens “reais”, que convivem com suas vitórias e fracassos, produzindo jogos sociais de dominação e de resistências sócio-culturais. As relações sociais vão sendo permeadas nestas relações complexas, profundamente dialéticas entre o “ser” social e a “consciência” social.

Interessante, também, destacar a concepção de tempo, segundo Thompson, pois pretendemos viabilizar discussões para que os alunos refletissem até que ponto a questão do tempo afeta tanto a disciplina de trabalho, quanto a reestruturação de hábitos e relações sociais. Tempo esse

concebido no sistema capitalista como sinônimo de dinheiro, “tempo como moeda: ninguém passa o tempo, e sim o gasta”. (THOMPSON, 1998)

Essa noção capitalista de tempo – muitas vezes ainda hoje, confrontada por visões de resistência - que se incorporou à sociedade sobretudo a partir do final do século XIX, vai marcar profundamente as relações sociais que serão focalizadas neste projeto.

Na análise das produções que serão desenvolvidas no decorrer das atividades, pretendemos manter-nos firmes aos princípios thompsonianos, evidenciando a inexistência de “verdades absolutas” quanto à produção das visões históricas, pois estas se modificam, segundo as visões e preocupações de cada geração, sexo, nação ou classe social. Por outro lado, este historiador contribui muito ao nos estimular a respeitar dimensões, não só subjetivas, mas também objetivas no ato de produção de conhecimentos histórico-educacionais.

Como parte integrante deste processo e oportunamente apresentado no decorrer deste, foram agendados estudos do meio que favoreceram uma pesquisa documental do tema proposto, sendo um recurso valioso para que os alunos compreendessem o movimento de ir e vir no tempo e no espaço em que estão inseridos.

Estes estudos do meio propiciaram momentos de observação, análise e discussão das relações sócio-econômico-culturais do município.

Houve um planejamento prévio, que incluiu a discussão com as crianças sobre os trajetos que seriam percorridos, os locais visitados e as observações a serem feitas. Durante a realização dos mesmos, retomávamos sempre os objetivos traçados para depois seguirmos adiante.

Interessante a avaliação feita após os estudos do meio, que promoviam momentos de bastante agitação e discussão, pois todos queriam participar, contando ou registrando algum momento marcante de tudo que viram, ouviram, sentiram e observaram.

Em suma, o presente trabalho propõe-se a avaliar analiticamente uma dada experiência docente de produção de histórias e memórias locais, junto aos alunos do ensino fundamental, contribuindo para a sistematização de reflexões que possam futuramente auxiliar docentes ou educadores que se interessem em trazerem à tona significados e práticas historicamente mais amplas, relativas a um dado viver urbano.

Sob o ponto de vista educacional, todo esse projeto desenvolvido, também ancorou-se no pensamento do psicólogo russo Lev Semyonovitch Vygotsky. Este autor, baseado na abordagem materialista dialética da análise da história humana, acredita que o comportamento humano difere qualitativamente do comportamento animal. Os estudos de Vygotsky foram baseados também em Friedrich Engels, que estabeleceu um contraste entre as abordagens materialística e dialética.

A abordagem materialística parte do pressuposto que somente a natureza afeta os seres humanos e que são as condições naturais que definem e determinam o desenvolvimento histórico. Já na abordagem dialética, admite-se a atuação da natureza sobre o homem, mas se ressalta que este age sobre a natureza e modifica-a, criando condições naturais para a sua existência.

Vygotsky distancia-se da abordagem materialística e converge para a dialética, pois entende que a atividade humana transforma tanto a natureza

quanto a sociedade. E o trabalho do homem é também afetado pela capacidade humana de aprender com o passado, imaginar e planejar o futuro. Então, defende uma abordagem teórica, com uma metodologia que privilegia a mudança.

Nesse sentido, busquei empregar um grande esforço no presente trabalho, para que as crianças adquirissem meios para intervir de forma competente no seu mundo e nelas próprias.

Portanto, segundo os fundamentos de Vygotsky, durante o processo escolar, as crianças partem de suas generalizações e significados, ou seja, entram num caminho acompanhadas dos conceitos que já têm consigo e que ajudam-nas a fazer análises intelectuais, a estabelecer comparações e a realizar relações lógicas entre o que observa e o que discute. Fica evidente, desta forma, que os seres humanos têm uma capacidade de expressar e compartilhar com os outros membros do seu grupo social o entendimento que eles têm da experiência comum ao grupo e essa distinção apóia-se nas dimensões historicamente criadas e culturalmente elaboradas da vida humana, ausentes na organização social dos animais.

O enfoque diante destas reflexões é - fato repetidamente citado neste trabalho - dotar a criança de elementos tais que auxiliem-na numa postura de sujeito produtor de conhecimento histórico, aproximando-a, pois, destas abordagens dialéticas.

OS SERES HUMANOS TRANSFORMARAM-SE NESTA LOCALIDADE AO LONGO DO TEMPO?

Nossos alunos são confrontados, todos os dias, com uma sociedade onde reina uma competição e uma concorrência feroz, numa luta constante em que o mais forte exclui o mais fraco. Isto se dá em nível individual, nas comunidades, nos países e nos grandes conglomerados sócio-político-econômicos. Diariamente vemos crescer a exclusão e a pobreza, aumentando o grande abismo que separa as classes dominantes das classes trabalhadoras. A escola não pode estar alheia a estes problemas, alertando os alunos para as questões da justiça social e dos direitos sociais dos homens.

A mídia bombardeia uma verdadeira revolução em todos os meios de comunicação. Segundo Zamboni (1999), “amplia-se a indústria de comunicação, a cultura e o lazer tornam-se indústrias de consumo, o livro, o cinema, a música e o texto literário, perdem seu fetiche e são considerados como mercadoria ao lado do vídeo, dos programas televisivos, da Internet”.

Cinemas, jornais, revistas, televisão, poesias, vídeos, Internet... Como dar sentido à história, valendo-se de outros recursos que não somente esses? Como fazer os alunos perceberem-se sujeitos desta história, que não é estática, nem tampouco é uma sucessão de datas marcantes, desconectadas de qualquer contextualização, produzida apenas pelos grandes heróis? É possível estabelecer um diálogo com toda a dinâmica

histórica, sem recorrer a instrumentos tão massificados, podendo analisar criticamente os problemas que afligem a população?

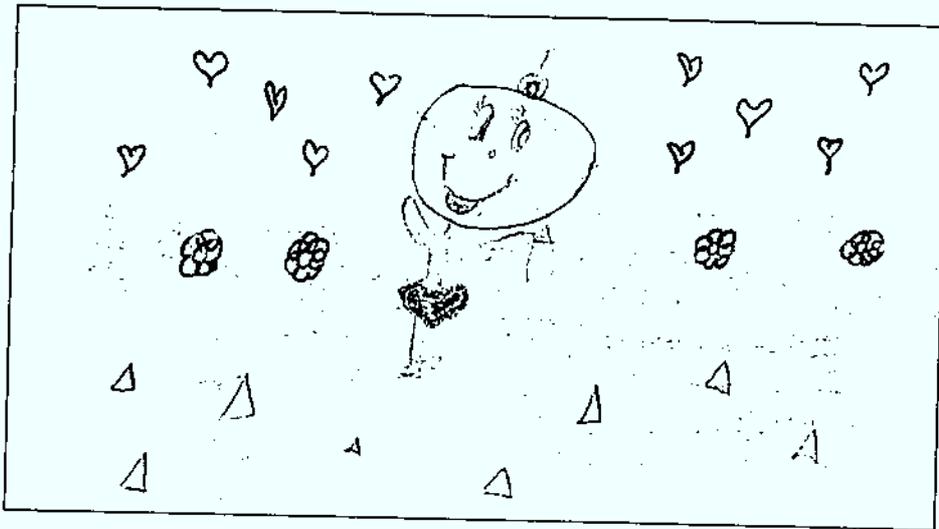
São questões amplas, complexas, que podem facilmente adquirir uma dimensão demagógica, mascarada: “Reflexão crítica da realidade”, muito em moda ultimamente é, de fato, louvável. Porém, qual é a sua sustentação teórica? É sabido que a instrumentalização da história que é ensinada na escola faz parte da manutenção de uma lógica de interesses historicamente dada. Pensar na transformação dessa lógica cultural é pensar numa sociedade diferenciada, mais justa.

É realmente difícil produzir um material sem refletir sobre ele, adequando-o à série em que se vai trabalhar, situando-o na sua especificidade local e regional. Esse material precisa ser criativo e interessante. A linguagem em história deve se aproximar das gerações presentes. Neste projeto procurei partir sempre de problemas, costumes, representações e formas culturais das atuais gerações para construir o percurso histórico a que estávamos nos propondo.

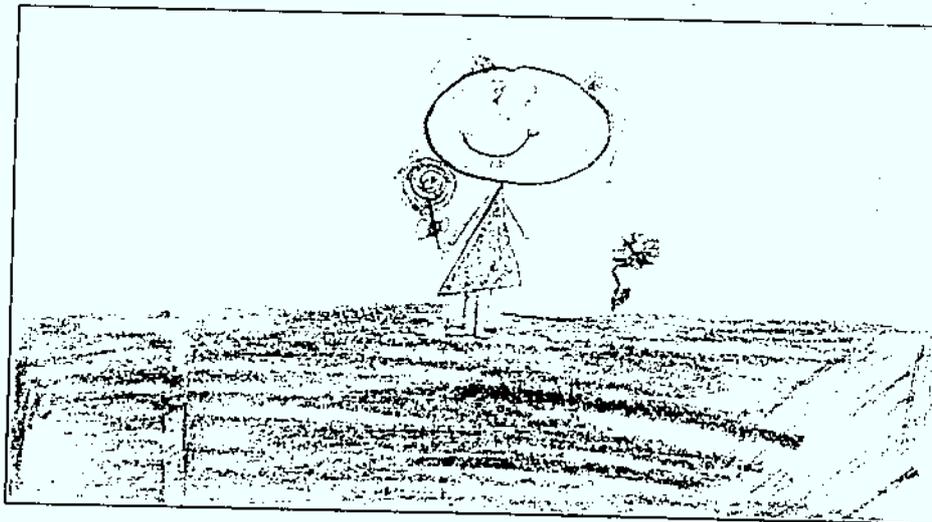
De início foi proposta aos alunos uma discussão sobre os seres humanos: eles transformaram-se ao longo do tempo nesta localidade? De que maneira? Há permanências?

Os alunos foram convidados a elaborar representações de momentos significativos de suas vidas.

Gabriela

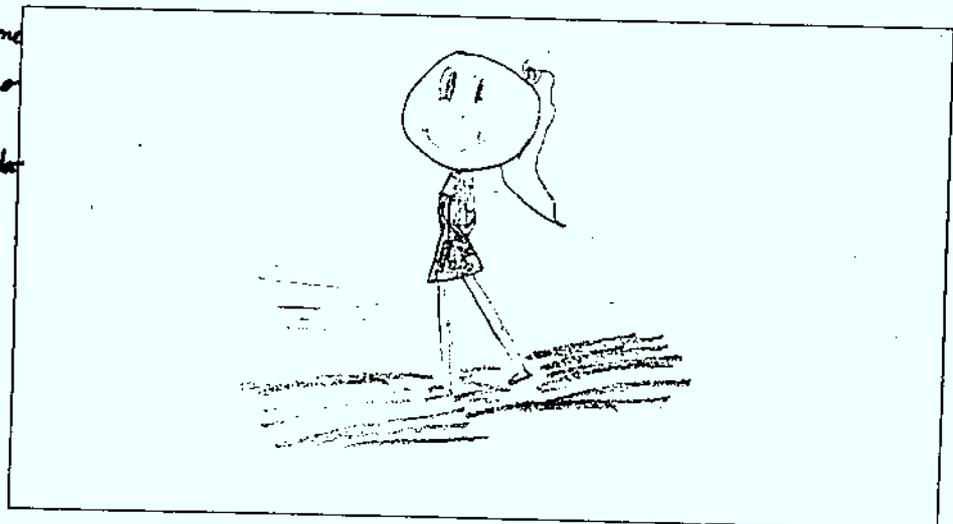


Aqui eu me dozei quando tinha 6 dias, primeira palavra.

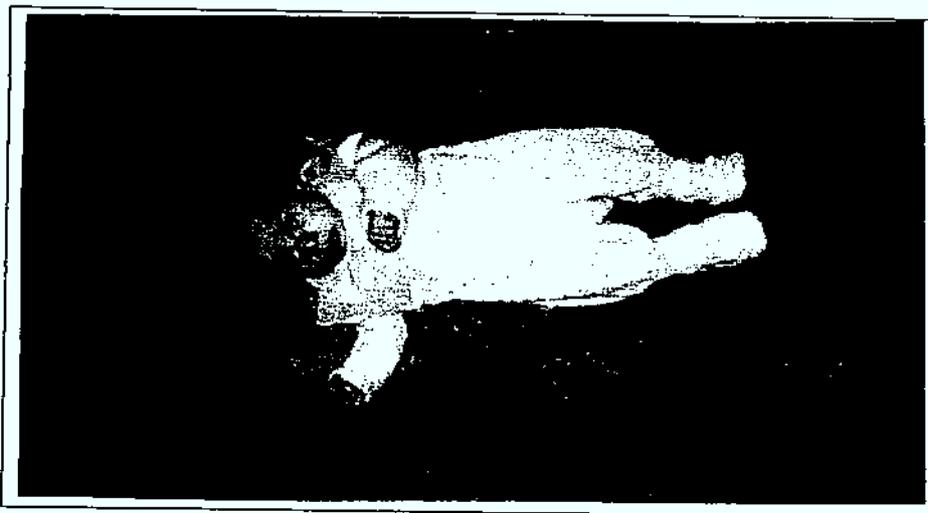


Aqui eu me dozei com 3 anos e meu aniversário

Aqui eu me dozei como agora com: 7 anos de idade



Lenise



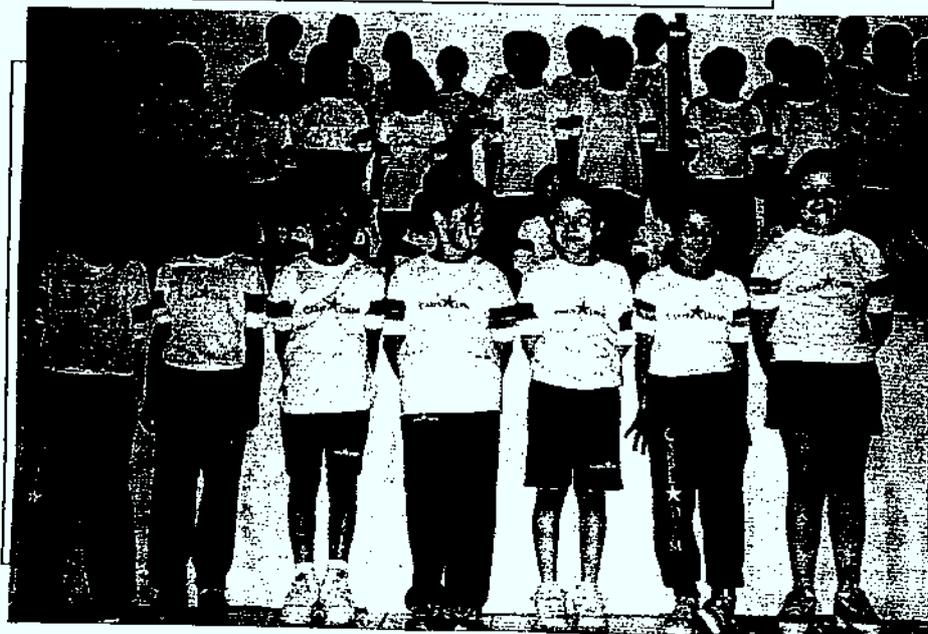
Olha que gra-
cinha!! Sou eu
com 2^o meses e 19
dias de vida!!

Muito bonita
eu estou,
não é?

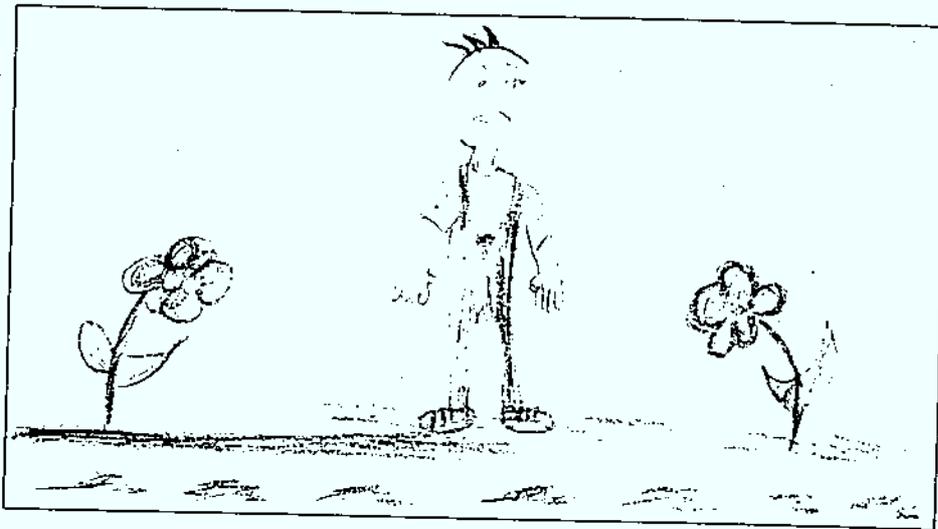


Na festa
de 3 anos

Olha só! Sou eu
fazendo aquela
despedida da
1^a série, vocês se
lembram?!

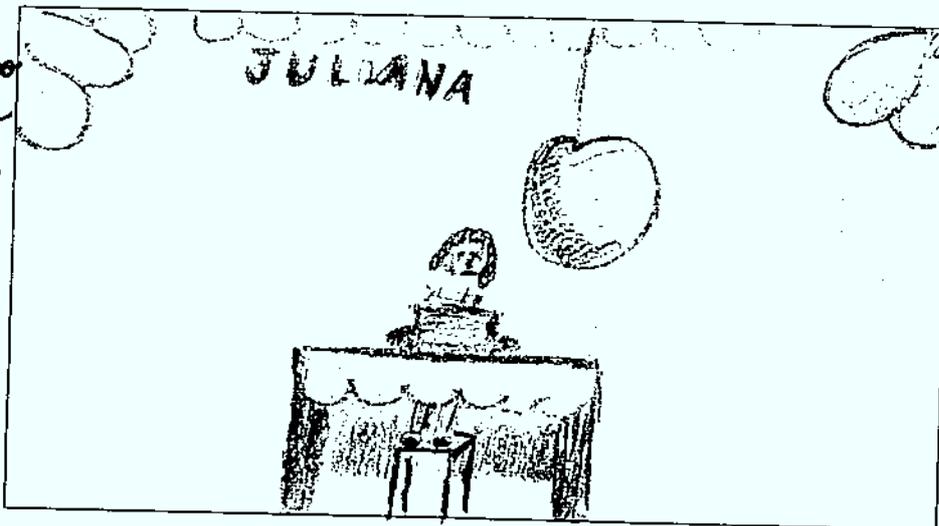


Juliana

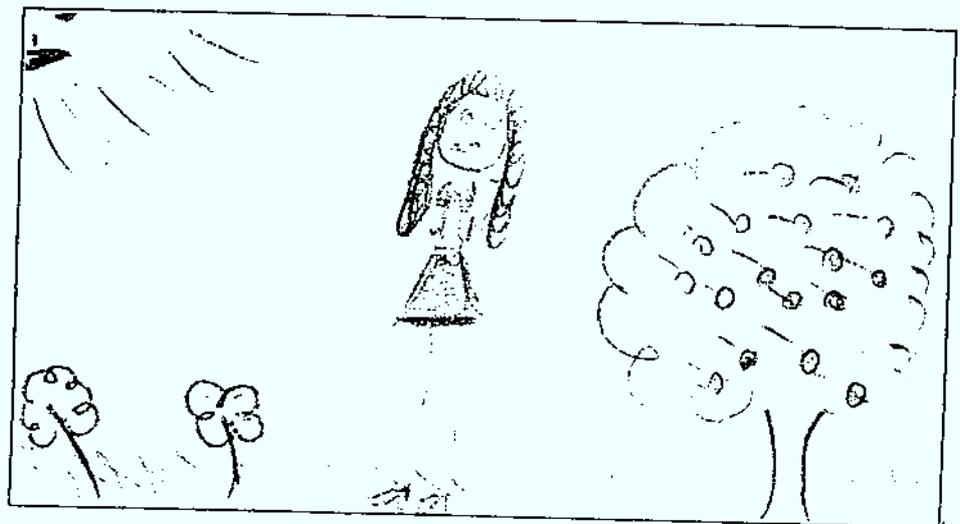


Esse desenho é
de quando eu
estava com 5 meses

Esse desenho
é de quando
eu fiz 5 anos.



Aqui sou eu
já com 7 anos
de idade.



Interessante que as anotações permitem-nos verificar que as crianças citam transformações e permanências, tanto no âmbito físico, quanto cultural. Elas se percebem como seres em constante mudança. Mesmo que com a ajuda de seus familiares na rememoração de experiências vividas, a dinâmica propiciou espaços para a discussão dessa história humana como um processo de movimento, mudança, transformação, bem como das permanências vivenciadas.

Ao destacarem as permanências e mudanças ocorridas, os alunos foram instigados a discutir os “comos?” e “porquês?” dessas transformações.

A partir dessa discussão, ampliou-se o olhar das crianças para os lugares ao seu redor, procurando examiná-los e descobrir suas características; suas mudanças; transformações; relações sociais ali presentes, na sociedade atual e em épocas passadas.

Faz-se necessário em toda produção de rememorações e ressignificações históricas que o aluno “comece sua reflexão procurando explicar os ‘comos’ e ‘porquês’ das transformações sociais, ficando atentos às diferenças, às diversidades e às especificidades das diversas sociedades”. (CABRINI, 2000)

O objetivo maior, neste trabalho com as crianças da segunda série, foi que “a partir de elementos levantados para o exame de uma determinada realidade histórica, os alunos (...fizessem) algum trabalho de reflexão que os (...levassem) à produção de conhecimento (...) sobre essa realidade e à compreensão (...) da forma como esse conhecimento foi construído”. (CABRINI, 2000).

Considerando-se a faixa etária das crianças, entre 7 e 8 anos, e sabendo que nesta fase as noções de tempo e espaço são mais facilmente entendidas no âmbito do aqui e do agora, ou seja, do tempo presente, iniciou-se um trabalho histórico, permeando sempre o presente com o passado. Por meio do presente, facilita-se ao aluno caminhar para um espaço mais distante. Além disso, é justamente no presente que todos nós temos condições de alterarmos os rumos do passado, mesmo que, muitas vezes, tais alterações correspondam à pequenas brechas, fundadas em relações “outras” de produção de conhecimento. Relações mais amplas, tanto sob o ponto de vista pessoal (ampliando a dimensão do sujeito envolvido, como pessoa humana inteira), como coletivo.

Segundo Prado (1999), “todos os homens ocupam e têm um lugar em um ou vários espaços. O lugar que ocupamos não é só nosso e nem o é eternamente; ele é dividido com outras pessoas. Pela própria dinâmica da vida, o lugar que hoje ocupamos se modifica e pode vir a ser ocupado por outro. Portanto, o conhecimento e a compreensão do lugar que ocupamos no espaço dão-nos elementos para nos conscientizarmos sobre nossas relações sociais; o papel que nelas desempenhamos, auxiliando-nos a refletir a nossa dimensão social e temporal”.

Os espaços são criações feitas pelo homem, constituídos de tempo, movimento, mudança, transformação, processo e relações intimamente ligadas ao homem. É fundamental que a escola desenvolva momentos para que a criança se situe historicamente, conhecendo as relações espaço-temporais.

Nesse sentido, trabalhamos primeiramente com o Largo São Sebastião, um ponto de referência e marco histórico fundamental nas memórias de Valinhos, procurando destacar não só os aspectos físicos do local, mas o envolvimento das pessoas com ele, suas relações, suas lembranças.

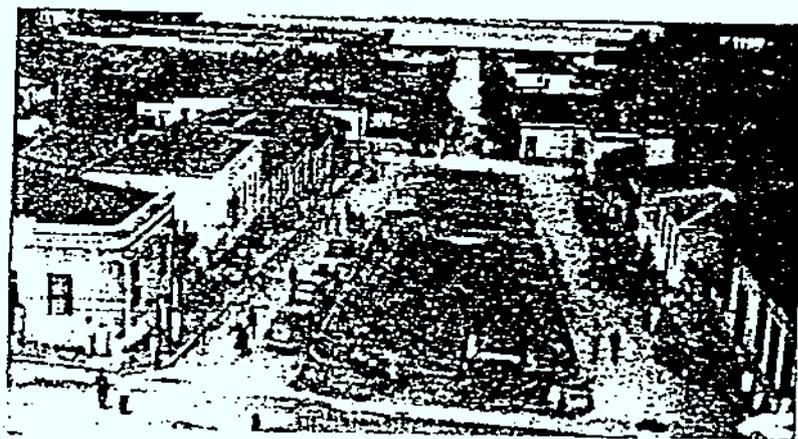


Foto 1 – Largo São Sebastião – 1948

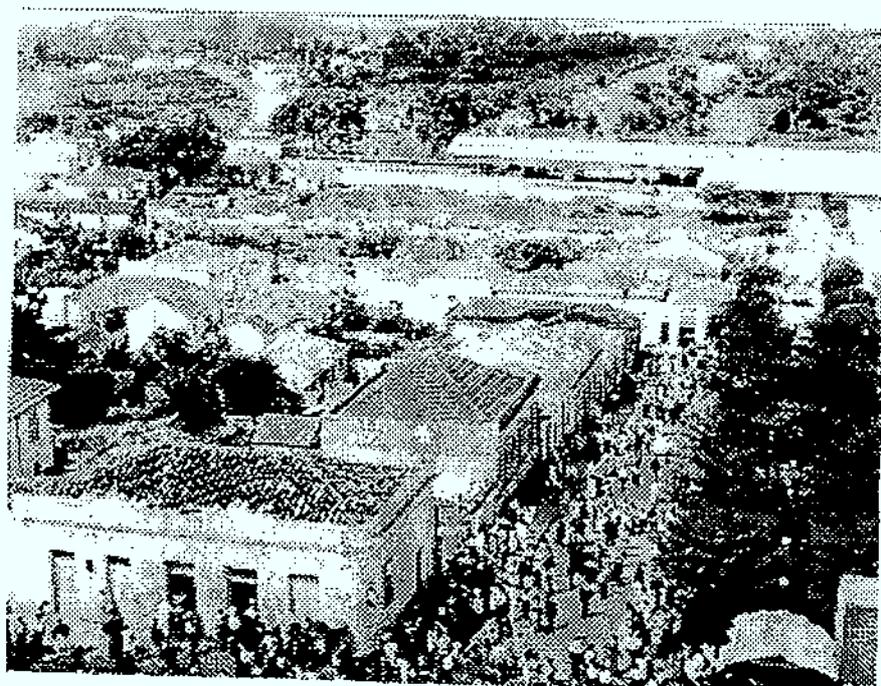


Foto 2 – Largo São Sebastião – década de 1950 (?)

LARGO SÃO SEBASTIÃO – UM LUGAR DAS MEMÓRIAS

VALINHENSES

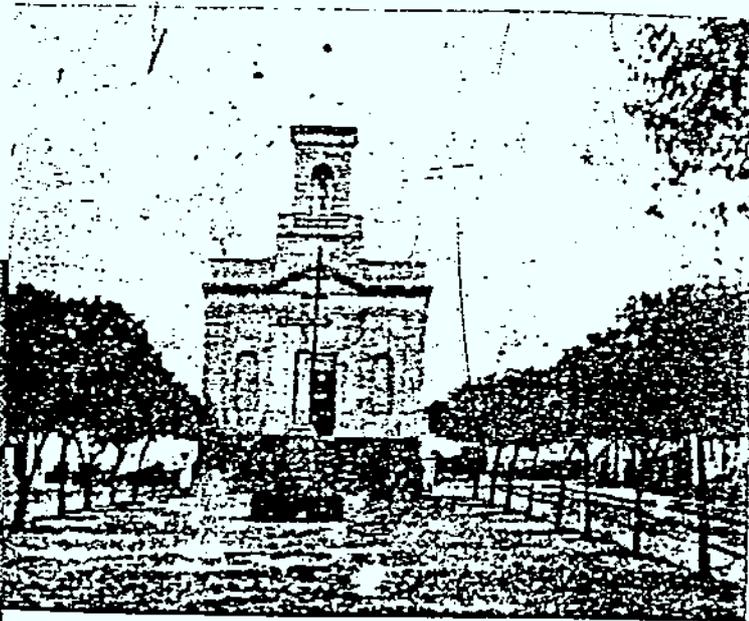
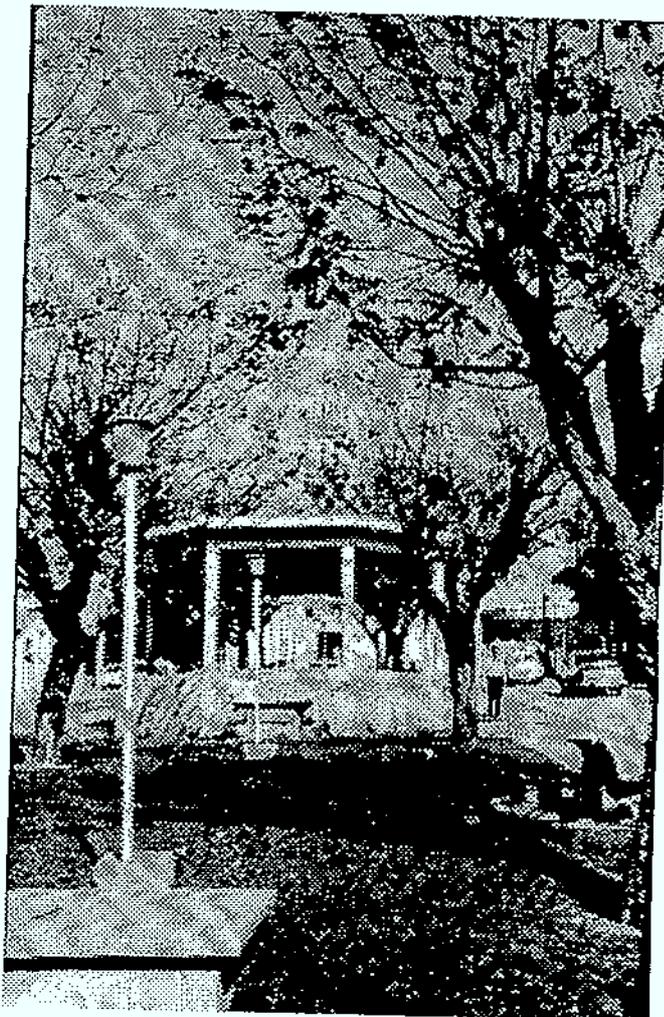


Foto 3 – Igreja São Sebastião – 1934

Foto 4

Antigo coreto do Largo São Sebastião – década de 1970 (?)

O Largo São Sebastião é um marco no início da história do município. Com o fim da escravidão, no final do século XIX, Valinhos passa a receber grande número de imigrantes, para trabalhar nas lavouras de café. A maioria constitui-se de italianos. O Largo São Sebastião passa a ser um ponto de encontro dessa comunidade, com suas manifestações

sociais e religiosas. A então Vila de Valinhos começa um período de transformações em todos os segmentos da sociedade local.

Escolher esse local como ponto de partida neste projeto fundamentou-se, então, na importância do mesmo nas memórias significativas da população valinhense.

Começamos com entrevistas, procurando pessoas que tivessem conhecido o Largo antigamente.

As crianças se propuseram a entrevistar familiares ou conhecidos de seus pais ou avós, para relembrares fatos e histórias do Largo antigo.

Entrevistas feitas, momento de nos reunirmos no pátio do colégio para os relatos das informações colhidas.

Fomos percebendo, as crianças e eu, que estávamos viajando no tempo. Através dos entrevistados que conheceram o Largo São Sebastião antigamente, pudemos perceber que muitos aspectos mudaram de rumo.

Entrevistado 1:

“O Largo São Sebastião era um largo lindo. Tinha árvores grandes, um coreto onde, aos domingos pela manhã após a missa da 9:00 h, a banda dirigida pelo senhor Carlos Orssi, tocava músicas lindas. As pessoas idosas ficavam sentadas em bancos, conversando e as crianças correndo e brincando. Os jovens, passeando e namorando, comendo amendoim, pipoca, pinhão.

Os homens se vestiam de terno e usavam chapéu; as mulheres usavam vestidos mais longos do que os de hoje em dia.

Os meios de transporte utilizados naquela época eram o trem, a charrete, o cavalo, a bicicleta e o carro.

Acho muito triste as mudanças que ocorreram no Largo, porque acabou com tudo: reuniões de famílias e toda alegria da cidade”.

(M., bisavó paterna, 82anos)

Entrevistado 2:

“O Largo São Sebastião não tinha lojas, as pessoas andavam pela rua sem se preocuparem com a segurança. Iam ao Largo tomar sorvete, namorar, se encontravam para conversar e passear.

As pessoas usavam roupas de festas que eram vestido, chapéu, luva, maquiagens e ternos e sapatos.

Os meios de transporte eram carro, cavalo, charrete e trem.

Acho até que melhorou porque agora tem mais lojas, tem mais árvores”.

(L., avó materna, 70 anos)

Entrevistado 3:

“No Largo não havia tanto comércio, só jardim e casas antigas, também não tinha semáforo. As pessoas passeavam, namoravam, faziam compras e conversavam com os amigos.

Os homens usavam terno, gravata, chapéu e as mulheres de vestido bem comprido e também chapéu e sombrinha.

Os meios de transporte utilizados eram bicicleta, cavalo, carroça e automóvel.

Hoje está muito movimentado e as pessoas não têm mais tempo para conversar. Hoje é mais bonito do que antes”.

(J., avó paterno, 69 anos)

Entrevistado 4:

“Antigamente havia no Largo uma igreja e um coreto. As famílias tradicionais de Valinhos (fundadoras) iam à missa e depois ficavam conversando e ouvindo a banda tocar.

As pessoas usavam as melhores roupas que possuíam. Os homens usavam terno, gravata e chapéu e as mulheres, vestidos longos.

Os meios de transporte usados eram a charrete, o cavalo, a jardineira (ônibus) e os carros.

Naquela época a vida no Largo era muito mais interessante, dava a impressão que as pessoas eram mais felizes. Foi nesse Largo que meu pai conheceu minha mãe (há mais de 60 anos).

Meu pai se recorda com tristeza da demolição da igreja e do coreto”.

(V., pai, 50 anos)

Entrevistado 5:

“Antigamente não tinha banheiros, era só uma praça normal.

As pessoas iam ao largo se encontrar para trocar idéias, namorar, passear e conversar.

As moças vestiam um vestido rodado que se chamava “godê”. Os moços iam com camisetas de manga comprida e calças com o final da calça estreita que se chamava “canudo de pito”.

Os meios de transporte mais usados naquela época eram a bicicleta e os carros de praça (atuais táxis).

As mudanças tornaram o lugar melhor”.

(L., avô materno, 70 anos)

Através dessas e outras vozes as crianças perceberam que várias mudanças ocorreram. E, a partir da leitura das entrevistas, puderam constatar que o progresso, conceito alardeado com ênfase no seu aspecto positivo, trouxe também perdas significativas na qualidade das relações humanas.

Perguntamo-nos: como ocorreram essas mudanças?

Analisando as fotos e os depoimentos, as crianças citaram as novas construções erguidas, as ruas reestruturadas na sua trajetória, o aumento das pessoas que circulam neste local.

E por que ocorrem as mudanças? As crianças citaram o aumento populacional, o aumento do comércio, as políticas dos governantes.

Não foi discutido, porém, a questão da produção industrial, que está intimamente relacionada ao comércio. As crianças não discutiram esses fatores ao refletirem sobre as mudanças percebidas nas relações sociais e nos espaços geográficos referentes ao Largo São Sebastião.

Uma possível hipótese seria a constatação de que houve uma forte presença, no início do século XX, de imigrantes italianos, com tradições culturais mais próprias das classes camponesas italianas e a agricultura sempre foi um setor da economia do município bastante alardeada e propagada na mídia local. Os pais e avós das crianças têm ou tiveram, em sua maioria, antecedentes trabalhando na roça, como costumam dizer.

Também puderam constatar, ao compararem as entrevistas em classe, as transformações ocorridas e as divergências de opiniões, quanto a essas mudanças.

Para alguns, em nome do progresso, veio a pressa, a agitação, o ritmo desenfreado, a poluição e a violência. Mas, por que as pessoas correm tanto?, voltei a perguntar aos alunos. Por que existe tanta violência hoje?

Retomamos para a análise, reflexões de Thompson a respeito justamente desta correria, desta busca desenfreada atrás do tempo.

Se as narrativas foram sendo substituídas pelo corre-corre e pela agitação, que tempo é esse, (co)responsável por essas mudanças?

Parece-nos, assim como Thompson, que todo cuidado é válido para não desperdiçar esse tempo. Tempo de produção, de dinheiro, de mão-de-obra. O tempo, imposto nesta correria, por vezes sutil, e que foi percebido pelas crianças no Largo São Sebastião, remetem-nos à indagações de como estamos sendo manipulados pelo tempo sinônimo de dinheiro, de trabalho controlado por outrem. Como podemos, enquanto sujeitos históricos, oferecer resistências a essa manipulação?

Até mesmo o tempo como vida, como não-trabalho está sendo questionado pela sociedade capitalista. Até mesmo esse tempo como “lazer” desvia-se para uma questão de como empregá-lo, de como as indústrias de entretenimento poderiam tirar proveito dele.

Impomos a nós mesmos um “uso-econômico-do-tempo” e nos distanciamos dos hábitos sociais mais simples, como sentar no banco da praça, para simplesmente ver o “tempo passar”.

Refletindo com as crianças sobre a ação do tempo na vida dos seres humanos, o que se espera é que munidos desta reflexão, possamos futuramente (...)”reconstituir este processo, ao mostrar como a causação na

realidade se efetivou” e que nos permitamos “controlar nossos próprios valores(...)”. (Thompson, 1981)

Por outro lado, as crianças puderam perceber que, embora para alguns entrevistados esse progresso da cidade veio acompanhado de transformações sociais nem sempre positivas, para outros, as mudanças no Largo São Sebastião trouxeram melhorias na qualidade de vida, mais empregos e conforto para os pedestres.

Fomos percebendo que pode haver diferentes visões para uma mesma “realidade”.

Não há referencial de verdade absoluta para os fatos e acontecimentos. As diferenças encontradas nas maneiras das pessoas pensarem, sentirem, vestirem-se, conversarem expressam, porém, relações de caráter sócio-econômico-político que nos permitem compreender de onde provêm estas diferenças de visões.

Se houve modificações ou permanências em relação ao espaço, é porque esse meio geográfico foi transformado pela ação solidária e/ou conflituosas das diferentes classes sociais ali presentes, seus anseios, suas necessidades, seus momentos.

Produzimos, então, um texto coletivo, que reunisse as idéias do grupo a respeito das discussões:

Mudanças e permanências observadas no Largo São Sebastião

“Hoje há mais árvores no Largo. As ruas foram asfaltadas, há semáforos, porque o trânsito de veículos aumentou.

Mudou o jeito das pessoas se vestirem e se comportarem. Hoje são mais apressadas, se vestem de maneira diferente e mudou os modelos dos carros. Algumas casas permanecem no lugar até hoje.

As pessoas não têm mais tempo de se encontrarem no Largo para conversarem, para se conhecerem melhor. Ali é agora apenas um lugar de passagem das pessoas.

Com o progresso, o Largo ficou diferente, com mais lojas e um movimento, um barulho grande.

As pessoas se recordam com tristeza da demolição da igreja e do coreto”.

Texto coletivo produzido pelos alunos da segunda série, 2003.



Foto 5 – Largo São Sebastião – 2003

A partir da constatação pelos alunos de que há mudanças e permanências nesse percurso histórico, e que somos agentes das mesmas, foi proposta a leitura do poema de Adélia Prado:

*“Queria uma cidade abandonada
para achar coisas nas casas, objetos de ferro.
Um quadro interessantíssimo na parede
esquecidos na pressa.
Mas sem guerra aparente e com a vida tão cara,
quem deixa para trás uma agulha sequer? (...)”*

(Poesia Reunida - 2001)

O que deixaremos para o futuro, se não conhecermos o passado e entendermos o presente???

Quantas histórias nos contam as cidades!!!!

E Valinhos, quais histórias nos contará??

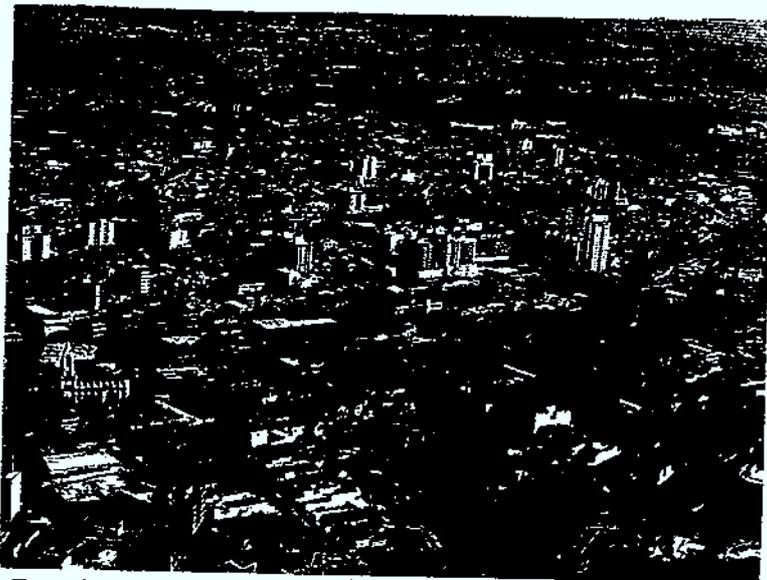


Foto 6 - Vista aérea da cidade de Valinhos - década de 1990

AS RUAS DA CIDADE: NOVOS OLHARES, MUITAS REFLEXÕES

Através do estudo do meio, realizado nas principais ruas da cidade e também no Museu de Valinhos, as crianças conheceram um pouco destas histórias, que juntas colaboraram para construir outras histórias e as memórias significativas deste município.

Como parte integrante de todo este trabalho, o estudo do meio foi realizado para que as crianças tivessem a oportunidade de se envolver diretamente com fontes de informação documental, bem como com a ampliação de informações e observações em campo.

Conhecendo as ruas, casas, aglomerações urbanas, os moradores e freqüentadores do centro da cidade, puderam comparar o presente e o passado, ali presentes, lado a lado. Ao percorrermos as ruas nós, professor e crianças, estivemos rememorando-as, fotografando-as, encontrando nos pedestres narradores da sua história, tentamos recuperar uma cidade com diferentes tempos e memórias, desconstruindo-a e reconstruindo-a.

Neste trabalho, optou-se por apresentar os principais locais visitados e as entrevistas feitas, juntamente com as discussões e registros realizados depois em classe. Desta maneira, facilitar-se-á a compreensão dos temas abordados e discutidos.

Ponto de partida: Largo São Sebastião. Ali, pudemos vivenciar o que havíamos discutido em nossas aulas, após as entrevistas apresentadas pelas crianças. Fomos imaginando aquele local segundo as visões dos entrevistados mais antigos. Sentados à frente do monumento do Monsenhor

Bruno Nardini (1981) - padre responsável pela construção da nova Igreja Matriz e pela idealização da “Festa do Figo”, que promovia a cultura do figo, vinda em substituição à lavoura do café – os alunos observaram, segundo eles mesmos, alguns problemas: a poluição visual, a violência relatada por assaltos ocorridos nesta região, a sujeira representada pelos copinhos, papéis e outros dejetos deixados ali, jogados no calçadão.

Pareceu-nos que não há mais aquela interação solidária entre os homens em suas relações sociais, como notávamos nas opiniões daqueles que freqüentavam o lugar antigamente, onde o tempo não era sinônimo só de trabalho, mas de vida, de prazer na interação social.

A descoberta sobre essas mudanças permitiu que conversássemos sobre o que mudou e permaneceu nos comportamentos e nos valores sociais, que eram significativos em outras épocas. As crianças se espantaram ao perceberem como as pessoas se divertiam naquele local antigamente e aproveitaram para discutirem essa questão, posteriormente, com seus familiares.

Segundo Benjamin (2000)

“O desenvolvimento das forças produtivas, o processo acelerado das invenções tecnológicas transformam as relações e as sensibilidades sociais; o trabalhador passa a isolar-se dos outros e dos processos mais globais de produção; o ritmo dos homens torna-se o ritmo da técnica”.

As relações apressadas, superficiais são um marco da modernidade capitalista, a qual teve um avanço significativo a partir do final do século XIX.

Benjamin amplia ainda mais este nosso olhar sobre a modernidade, quando nos apresenta a seguinte citação:

“O século XIX não soube corresponder às novas possibilidades técnicas com uma nova ordem social. Assim se impuseram as mediações falaciosas entre o velho e o novo, que eram o termo de suas fantasmagorias. O mundo dominado por essas fantasmagorias é - com uma palavra-chave encontrada por Baudelaire - a Modernidade” (Walter Benjamin, apud W.Bolle, 1994,P.24).

Em Valinhos, a presença da ferrovia desde essa época, já era um sinal desta modernidade, que iria mudar significativamente os modos de vida da população.

Deixando este lugar com visões de tempo e de relações sociais mais ampliadas, fomos adiante em nosso estudo do meio. Prazeroso estudo!



Foto 7 – Igreja São Sebastião – década de 1990

O HOMEM PÚBLICO – UM SER EM EXTINÇÃO?



Foto 8 – Turma reunida à frente da Câmara Municipal de Vereadores de Valinhos – 2003

Ali pertinho do Largo São Sebastião, as crianças visitaram o prédio que hoje abriga a Câmara Municipal de Vereadores, antigamente sede da Prefeitura de Valinhos.

As discussões das crianças ficaram em torno das pessoas que trabalham naquele local: os vereadores. Algumas crianças diziam:

“Meus pais votaram nesse vereador”

“Ele ganha bem demais e trabalha pouco”

Vou ser vereador quando crescer”

Eu perguntei a eles se acreditavam que as eleições sempre tenham sido como são hoje. As crianças me olharam espantadas como se dissessem: “Mas nem sempre foi assim?”

Combinamos que eu traria relatos de um morador valinhense muito famoso e ilustre, contando “causos” sobre a política da cidade.

Trouxe para a turma um trecho do livro “As façanhas do Bepe Leão, aos 90 anos, na História de Valinhos”, de José Spadaccia, publicado em 2003, um morador ilustre da cidade, com vários livros publicados sobre passagens interessantes da história da cidade.

Reminiscências Eleitorais

“Antigamente em Valinhos, a coisa era bem diferente, as eleições eram realizadas acompanhadas de um grande barulho, sem o tal de voto eletrônico, as cédulas eram confeccionadas pelos próprios partidos e entregues ao eleitor que só tinha o trabalho de colocá-las nos envelopes distribuídos pela mesa receptora e depositá-las nas urnas, era fácil demais e qualquer analfabeto sabia votar e o negócio “brabo” mesmo era nas ruas quando a batalha entre os “paragatas e os gravatinhas” começava altas horas da madrugada com a distribuição de cédulas aos cabos eleitorais para enfrentar uma batalha política

de conquista de votos, palmo a palmo, que só se encerrava no final da votação.

Os automóveis e caminhões saiam já de madrugada fazendo um buzinaço tremendo para buscar os eleitores nos bairros, sítios e fazendas, em cada esquina os partidos colocavam uma mesinha para os cabos eleitorais fazerem a distribuição das cédulas, cuja tarefa reduntava em pancadarias obrigando a intervenção da polícia e o barulho normal era acrescentado com o foguetório de bombas e rojões que eram conseguidos com facilidade numa fábrica instalada na Vila Santana (...)”.

As crianças discutiram as palavras desconhecidas do texto e estranharam os termos “paragatas e gravatinhas”, que se referiam aos valinhenses de um e de outro partido político da cidade, nas décadas de 70 e 80, do século XX. Produziram também registros escritos sobre as eleições do passado e do presente.

“Hoje temos urnas eletrônicas, antigamente as cédulas eram de papel. Antigamente os partidos faziam os votos que eram distribuídos para os eleitores. A campanha era feita boca a boca, não havia propaganda no rádio, nem na televisão”.

“Antigamente não havia urna eletrônica e as pessoas preenchiam a cédula e levavam no lugar da votação. Naquela época eram feitas campanhas no dia e no lugar da votação. Hoje isso é contra a lei. A campanha era feita boca a boca e hoje utiliza-se a TV, o rádio, os panfletos. Mas tanto ontem como hoje, os partidos fazem campanhas prometendo melhorar a qualidade de vida das pessoas”.

E, para ilustrar como era essa disputa por votos na época dos "paragatas e gravatinhas", foi lido com a turma um poema escrito por um cidadão valinhense, às vésperas das eleições de 1.959:

ALERTA AO POVO DE VALINHOS

PARA PREFEITO, JOSÉ SPADACCIA
OSWALDO CONTE, É SEU VICE
DUPLA DINAMICA ESSA, SIM...!
MAS, NÃO SE ESQUECAM, DE TAMBÉM ELEJER
OUTRO PERSONAGEM IMPORTANTE
QUE É, NOSSO AMIGO SERAFIM.

O JACOB, O CASTRO, O BORIN E DEMAIS
TODOS FILIADOS AO PSP
POIS, ELEJENDO ESSES HOMENS
QUEM GANHARA, -- É VOCE

SPADACCIA, E SEUS SEGUIDORES
SÃO PESSOAS, DIGNAS, HONESTAS E HONRRADAS
ACREDITEM, COM ELLES NO PODER
A POPULAÇÃO SERÁ A BENEFICIADA

O QUE, TAMBÉM É IMPORTANTE
É QUE DEVEMOS LEMBRAR
É PRESTIJIAR COM NOSSO VOTO
O GRANDE LÍDER, -- ADEMAR

COM TRABALHO, ESPERANÇA E DETERMINAÇÃO
E COM FÉ EM DEUS E NA VITÓRIA
ESSES HOMENS BATALHADORES
VÃO PASSAR PARA A HISTÓRIA

Mantém-se, até os dias atuais, uma rivalidade muito grande entre os candidatos que disputam as eleições municipais. Não é tarefa difícil constatar que as classes dominantes utilizam o poder local como

instrumento de seus interesses, pois os dois principais jornais da cidade, ou discursam a favor do candidato do governo ou a favor da oposição. E, mudando-se o rumo após as eleições, rapidamente o jornal da situação vira oposição e vice-versa.

Há, então, um distanciamento entre o ideal do homem público e a real situação do homem privado, que tem, quando no poder, seus interesses pessoais sobrepondo-se aos interesses coletivos, os quais comprometeu-se a defender por ocasião dos votos populares que recebeu.

TIC-TAC, OLHA A HORA, O ÔNIBUS JÁ VAI PARTIR...



Foto 9 – Atual Terminal Rodoviário de Valinhos – 2003

Logo em seguida, a duas quadras da Câmara Municipal, paramos na Rodoviária de Valinhos. Um entra e sai de pessoas, apressadas, olhando em seus relógios, subindo e descendo dos ônibus que não paravam de chegar e de partir.

O fascínio que pude perceber nos olhos daquelas crianças me fez voltar ao passado. Quando neste local havia o Clube Atlético Valinhense,

com seu campo de futebol, suas arquibancadas, as reuniões de domingo, as pessoas conversando. Tão diferente de hoje, com todo aquele atropelo. Quantas brincadeiras naquele campo, pega-pega, esconde-esconde, trilha.

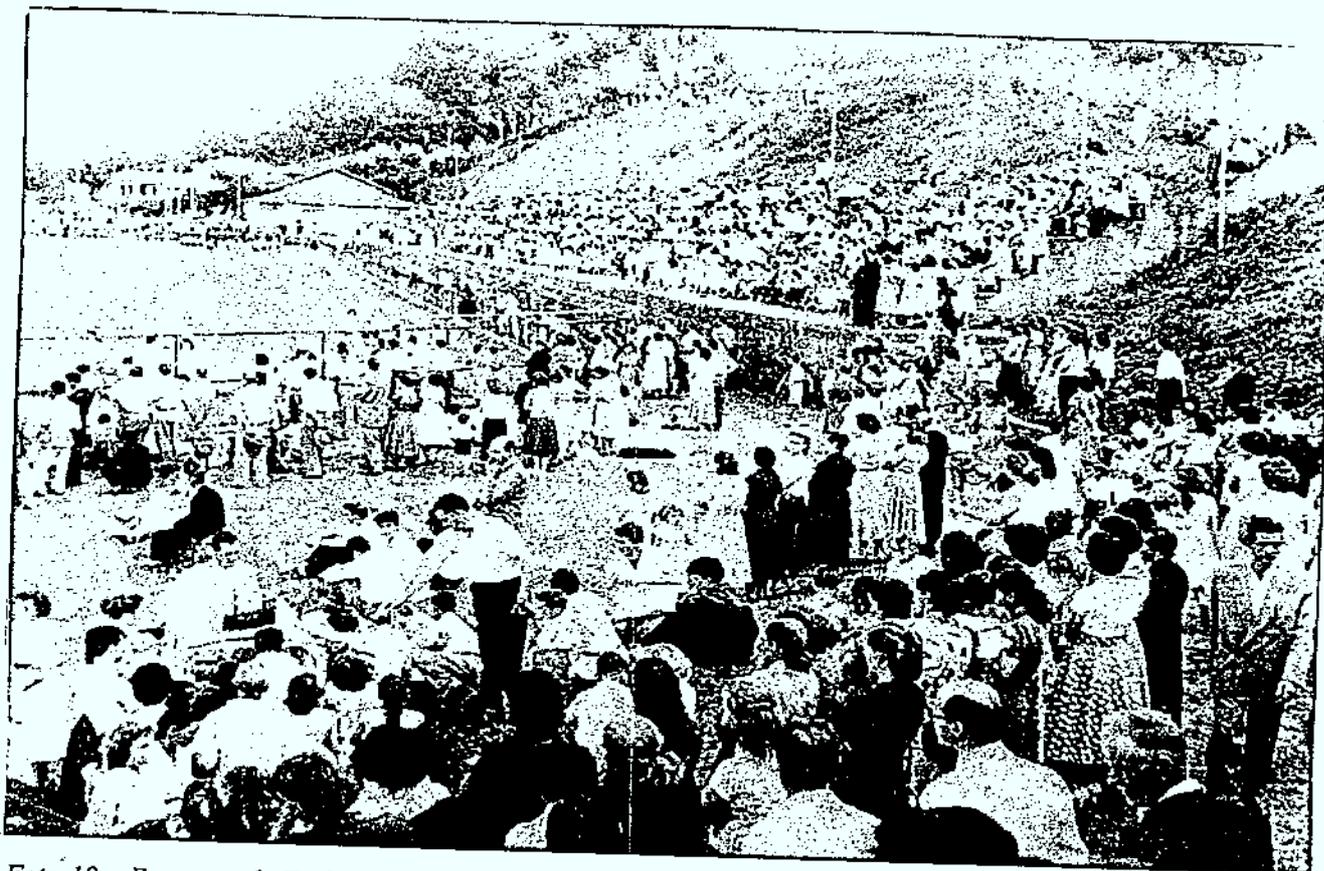


Foto 10 – Encontro de Trabalhadores realizado no Clube Atlético Valinhense – década de 1940 (?)

Conversamos sobre as brincadeiras que hoje já estão tão esquecidas. As crianças relataram que pouco ou nada saem de casa para brincar na rua ou num espaço público. Apenas o clube, a casa do amigo, o quarto com o vídeo game.

Daquele lugar só restaram as arquibancadas, usadas como caminho mais rápido entre um quarteirão e outro.

Sentados ali, as crianças e eu, conversávamos sobre essas lembranças de minha infância. Elas ouviam tudo atentamente. Percebemos que, para eles, aquele local era uma novidade. Afinal, a maioria utiliza veículos próprios para se locomover de casa à escola e vice-versa. Comentamos sobre o fato de que, além deles não brincarem nas ruas, pouco andam de ônibus ou se locomovem sozinhos pelos caminhos da cidade.

Alguns ressaltaram que isso é bom, porque têm medo da violência e que não sentem falta deste tipo de experiência vivida.

Outros disseram que gostariam de poder sair mais às ruas, ir à pé para a escola ou até mesmo de ônibus. Comentamos que não temos mais a mesma liberdade de outros tempos.

Essas crianças estão se tornando escravas de um sistema que não lhes permite coisas tão simples, como andar na rua ou usar um ônibus para se locomover de um lugar para outro. Apenas veículos próprios ou transporte escolar, tudo muito vigiado e controlado. Há uma perda de dimensão de tempo, associada às perdas das dimensões de espaço. Espaço da rua, das brincadeiras coletivas nas ruas, do ir e vir nas ruas, do conhecimento de novos espaços e novas pessoas, no seu convívio social. Perda também das relações inter-pessoais!

Evidentemente não estou aqui supervalorizando este aspecto ou dizendo que essas crianças estão sofrendo tanto quanto as que vemos abandonadas ou desfavorecidas social e economicamente. Seria inadmissível afirmar que são tão escravas quanto aquelas que fazem da rua sua moradia, sua vida ou que passam a maior parte do dia na rua, mendigando ou trabalhando, sendo privadas dos direitos que lhes cabem constitucionalmente, como educação, saúde, lazer entre outros. Também não estou comparando-as com as crianças que usam o transporte coletivo para ir e vir dos lugares e que não têm acesso à comodidade de um veículo próprio. Estou discutindo que, mesmo com boas condições de vida, essas crianças mais favorecidas economicamente sofrem privações, na sua singularidade, na sua liberdade, no convívio com os outros. Esses "outros", entendidos como todos aqueles com os quais nos deparamos na rua, no ônibus, no bairro...

E comentando sobre essa novidade de estarmos caminhando pelas ruas, seguimos para as principais ruas de Valinhos, atentos à movimentação das pessoas, bem como observando as construções, as reformas, as demolições.

Interessante ressaltar, nesta experiência, a importância das fotos e outras fontes documentais, atreladas aos relatos orais e entrevistas realizadas. Nota-se um interesse muito grande em observar as fotos antigas.

Assim como E. Thompson utiliza também em suas produções historiográficas documentos literários, segundo Ludke e André (1988), podem ser considerados documentos históricos:

“(...) quaisquer materiais escritos que possam ser usados como fonte de informação sobre o comportamento humano, estando inclusos neles desde leis e regulamentos, normas pareceres, cartas, memorandos, diários pessoais, autobiografias, jornais, revistas, discursos, roteiros de programas de rádio e televisão, estatísticas e arquivos escolares (...)”.

De acordo com Olga Von Simson (1995):

“(...) A tendência, hoje em dia, é utilizar o recurso da fotografia em todas as fases da pesquisa: no registro dos dados, complementando a descrição da situação estudada, como auxiliar na análise de dados de realidade e principalmente na devolução dos resultados da pesquisa ao grupo social investigado e a um público mais amplo (...)”.

Ainda segundo Olga Von Simson, são necessários cuidados ao utilizar fotos ao longo da pesquisa, da mesma forma que na utilização de outros documentos históricos, pois elas representam a visão do fotógrafo em relação ao tema focalizado; não são a expressão da “verdade absoluta”, mas sim a visão parcial de um dado fotógrafo.

E voltar ao passado, com as fotos, é trazer com detalhes, o que não se vê mais hoje, a partir da sensibilidade de um dado olhar, historicamente localizado.

As fotos nos levaram a uma volta ao passado numa das ruas mais antigas de Valinhos: a Rua Sete de Setembro.

O que os olhares destes fotógrafos nos permitem captar sobre a localidade?

O que percebemos, ao analisar as fotos, é que esses profissionais, ao clicarem momentos e tempos diferentes para um mesmo local, buscaram evidenciar os aspectos “positivos” das transformações. Não se percebe a intenção de indagar, questionar, retrucar, interrogar as mudanças ocorridas. As fotos aparecem como um reforço “positivo” e confirmador da boa fé das pessoas que produziram as mudanças observadas. Elas retratam sinais de progresso e melhoria na qualidade de vida.

Talvez agora, com essa visão mais crítica da “realidade”, possa até mesmo eu, a educadora que coloca em prática este trabalho, questionar o que até bem pouco tempo atrás também me transmitia exatamente essa idéia de progresso e bem estar coletivo. Parece-me mais, agora, um agregado de histórias separadas, selecionando apenas momentos, lugares, fatos em seus aspectos isolados, como que se estivesse apenas servindo a retratar a história de um local, sem resgatar e aprofundar o estudo das relações humanas presentes nestas situações.

RUA SETE DE SETEMBRO: QUANTAS TRANSFORMAÇÕES!

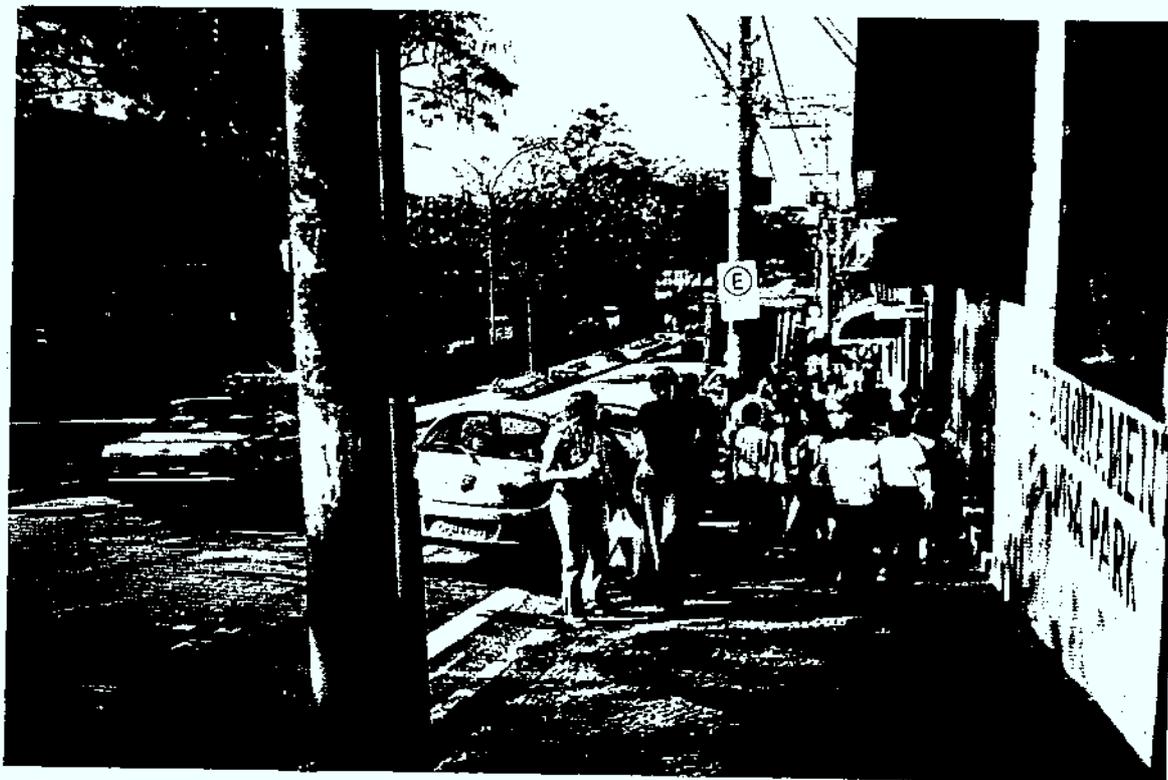


Foto 11 – A turma da segunda série percorrendo e observando a Rua Sete de Setembro – 2003

Chegamos à Rua 7 de Setembro, um local de bastante movimento na cidade, com várias lojas, restaurantes, instituições bancárias, estacionamentos e bares. A concentração do movimento nesta rua chamou a atenção dos alunos que, posteriormente, em sala de aula, tiveram a oportunidade de aproveitar as fotos tiradas durante o estudo do meio e

compará-las com outras, mais antigas, que evidenciaram as várias transformações ocorridas neste local, bem como as possíveis permanências.

A discussão centrou-se nas possíveis razões pelas quais essa rua é considerada um ponto inicial no aumento da área urbana do município. Era ali naquela rua, que trabalhadores, patrões, políticos e seus partidos, crianças, homens e mulheres se reuniam, trabalhavam, passeavam, compravam, moravam, enfim...era o centro da pequena cidade que se projetava naquela época.



Foto 12 – Vista da Rua Sete de Setembro – 1956

Através das fotos antigas, do início do século XX e as atuais, as crianças foram reconhecendo as mudanças e permanências do lugar, das pessoas, das relações ali percebidas.

Citaram como permanência o fato dela continuar sendo uma rua de fundamental importância na cidade, com movimento intenso, tanto antigamente como hoje. Ela ainda é uma das ruas principais do município.

Porém as mudanças foram bem mais notadas e citadas, entre elas: o alargamento da rua, as casas transformadas em lojas comerciais, o modo de se vestir das pessoas, o movimento maior dos veículos, com a necessidade de sinais de trânsito para monitorá-los.

Nesta fase do projeto, procurou-se focar as dimensões dos porquês dessas permanências e mudanças, para que e para quem elas serviram, tendo em vista que. Segundo a Proposta Curricular da CENP(SEE/S.P.) para o Ensino de História de 1986:

“A noção de permanência/mudança pode contribuir para formar uma perspectiva de análise crítica, uma vez que nem sempre carrega consigo um aspecto positivo ou negativo válido para toda a coletividade. Portanto, é preciso indagar do documento analisado, da entrevista realizada, do texto consultado (elementos que encaminham para a possibilidade de perceber as mudanças/permanências no tempo), a que servem? por que foram feitos? em que circunstâncias se concretizaram?”

As crianças produziram registros escritos sobre as discussões e observações a respeito desta rua visitada.

“A rua 7 de Setembro é arborizada, tem semáforos, tem lojas: sapatarias, brinquedos, roupas, eletrodomésticos. As árvores ficam no centro, em uma calçada. Antigamente, as ruas eram de areia, um pouco depois colocaram os paralelepípedos e agora colocaram asfalto. As pessoas se vestiam de maneira

diferente e costumavam usar o lugar para se encontrar nos finais de semana e agora isso não acontece mais.”

“Essa é a Rua 7 de Setembro. Nela encontramos grande parte do comércio da cidade, onde podemos observar: padaria, lojas 1,99, sapatarias, lojas de roupas, lanchonetes, drogarias, bancos, magazine, perfumaria e outras. Permaneceram algumas casas, a rua foi duplicada, hoje há o semáforo e a rua é mais arborizada. Foi nesta rua o início do comércio de Valinhos.”

Nesta rua, assim como em todo o trajeto do estudo do meio, evidenciaram-se mudanças e permanências, não só no que diz respeito às construções, ao modo de vida dos sujeitos, à circulação dos mesmos por esse espaço, mas também nas relações sociais presentes no comércio local. E a tônica deste trabalho é justamente buscar ressignificações a partir das análises que fazemos ao repassar todo o percurso educacional a que nos propusemos seguir.

A rua Sete de Setembro foi desde o início da vila de Valinhos, um ponto de encontro dos valinhenses, fosse no Cine da Paz ou no Cine Brasil, fosse nas casas de comércio, que se transformavam em locais de conversas e interações entre os moradores do local. Hoje, não existem mais os cinemas, que se transformaram em lojas ou estacionamentos de veículos.

Apenas algumas lojas permanecem até hoje tendo como proprietários as mesmas famílias da época de suas criações. Essas lojas são ainda nos dias atuais as mais procuradas pelas famílias mais antigas da cidade, que encontram nelas a relação mais estreita entre comprador e vendedor.

Nestes locais, o que pode ser constatado é uma empatia maior dos funcionários com os clientes mais antigos e tradicionais da cidade. Há toda uma relação de cordialidade, com conversas sobre o dia-a-dia, sobre os familiares. As relações sociais vistas neste âmbito, ainda permanecem como há tempos atrás.

Em contrapartida, apareceram as lojas de departamentos, trazendo consigo a marca da impessoalidade. O que importa agora é a venda dos produtos ali expostos, carregados de uma conotação consumista. A mercadoria e não mais as pessoas, os sujeitos envolvidos naquele ato comercial é que se reveste de significações pessoais, acima de sua utilidade.

Sennett (1989), nos relata com clareza esse “fetichismo das mercadorias”, expressão adequadíssima criada por Karl Marx, ao mencionar que as mercadorias adquirem um sentido, um mistério, um status que na muitas vezes independe de sua real utilidade.

Então, mais do que um local central e de bastante movimento, a rua Sete de Setembro faz parte das memórias significativas nas relações entre os sujeitos inseridos na história do município.

A rua terminava na linha do trem, onde havia uma porteira, que separava a cidade em dois lados: o de cá da porteira e o de lá da porteira. E era essa porteira que dava um charme todo especial ao local, pois se formava um fila de veículos e de pessoas, esperando o trem passar, para seguirem seus caminhos.

Hoje o que vemos é um muro separando os dois lados da cidade e o acesso de pedestres é feito por um túnel que passa por baixo da linha

férrea. As crianças puderam observar fotos da porteira e o local como é hoje. Fiquei contente ao ouvir delas afirmações de que gostaram mais do que viram nas fotos do que o local como é agora, pois é a mesma opinião minha. Discutimos que nem sempre as modificações são de fato necessárias e para melhor. Esse é um caso que ilustra essa nossa discussão.

Aproveitando a oportunidade de interesse e discussão que o assunto da porteira provocou nas crianças, foi lido e discutido um artigo vinculado num jornal da cidade:

**PORTEIRA DA RUA SETE
LADO DE LÁ E LADO DE CÁ**

"E veio o Viaduto Laudo Natel que mais que uma ponte, mais que a transposição da linha férrea, um elo de ligação entre o lado de lá e o lado de cá.

Até 1976 tínhamos duas Valinhos. A estrada de ferro cortava a cidade ao meio. A Vila Santana, berço de grandes artistas do tradicional Operário, do grande Leão da Vila, da Banda do Brejo, do Macarrão Vesúvio, da Fonte Sônia e Santa Tereza, da Rua 12 de Outubro que nascendo próximo a porteira pela arquitetura das casas dos Moletas já anunciava a necessidade de ligação que daria também ao tradicional bairro da Capuava um acesso mais rápido interligando definitivamente os dois lados de Valinhos.

Curioso e é necessário lembrar que tanto a Vila Santana quanto a Capuava as famílias radicadas mesmo com a divisão permaneciam unidas, irmanadas pelos times de futebol, pelo carnaval, lutavam pela ligação.

Quem morava ao lado dela, já sabia os horários dos trens (em média 50 por dia) e programava a passagem pela linha férrea. Quem trabalhava nas fábricas ou no comércio ou teria que ir a escola, também conheciam os horários que a porteira estaria aberta, mas graças a união dos moradores, a insistência das famílias, finalmente em 1976 dois pedaços históricos (Santana e Capuava) se ligaram pela Rodovia Flávio de Carvalho e Viaduto Laudo Natel a outro pedaço de Valinhos para torná-lo grande e único.

Hoje, metade de Valinhos situa-se onde era o lado de lá. Somos cem mil valinhenses orgulhosos de nosso passado e confiantes em nosso futuro. Parabéns Vila Santana, parabéns Capuava, parabéns Valinhos”.

Folha de Valinhos – 06 de setembro de 2003

Arildo Antunes dos Santos

Ex-prefeito e vereador

A leitura deste artigo de jornal, que não é portador da verdade histórica, remete-nos à uma análise mais detalhada, como que se pudéssemos enxergar “o que os olhos não vêem”. O autor deste artigo foi um político de projeção na cidade e a obra por ele descrita foi inaugurada em seu mandato. Decorre daí, a conotação “positiva” empregada no texto, sem questionar os impactos ambientais da construção, a sua real viabilidade e necessidade, seu custo, as desapropriações impostas aos moradores da região. Se ficarmos presos apenas à análise do artigo como está posto no jornal e não propiciarmos às crianças condições de discuti-lo, rebatê-lo,

negá-lo ou aceitá-lo, estaremos apenas nos distanciando da metodologia a que nos propomos.

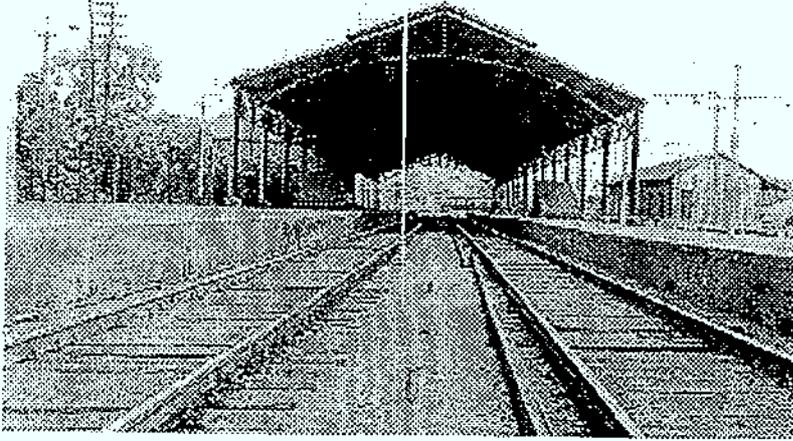
Refletindo sobre o artigo, as crianças, e eu mesma, enquanto agentes produtores de história, alteramos nossos pontos de vista e passamos a perceber e compreender sutilezas presentes nesses valores dominantes que, na maioria das vezes, nos passam despercebidas, transformando a criticidade num jargão, mas não numa prática efetiva de mudança social.

E, então, se a linha férrea é que havia nos dado essa brecha para discussão, voltemos a ela.

Antigamente a Estação Ferroviária era um importante ponto de referência da cidade, marco do avanço da modernidade capitalista na região; a porteira da linha férrea era mesmo uma delimitação do espaço urbano em dois lados: o de cá, com as lojas, os bancos financeiros, a Matriz e o Largo São Sebastião; e o lado de lá, com os dois bairros antigos e tradicionais da cidade, com moradores que iam e vinham todos os dias de um lado para outro. Esses bairros, respectivamente Vila Santana e Capuava, são dois bairros que se situam do outro lado da cidade; são bairros das classes trabalhadoras, em que se nota uma certa resistência às mudanças, tanto nas construções como no modo de vida das pessoas que ali residem.

Estávamos ali, lendo aquele texto e discutindo quantas mudanças ocorreram na linha férrea, que fora o auge da expansão da cidade e agora, praticamente abandonada.

Foto 13 – Estação Ferroviária de Valinhos – década de 1960 (?)



“Por que professora?”

“Há bem menos trens hoje, não é mesmo?”

“Eu nunca andei de trem.”

Essas indagações na discussão do artigo mostraram a necessidade de que trabalhássemos o contexto histórico de todas essas transformações.

Juntamente com o artigo, focalizamos dois fragmentos literários, retirados do Jornal de Valinhos, datado de maio de 1999; e de documentos históricos pertencentes ao Projeto Conteúdo, do Museu de Valinhos:

Ei-los:

*TRENS ERAM UTILIZADOS PARA O TRANSPORTE DE SACAS
DE CAFÉ*

“Com a precariedade das estradas e as cargas sendo transportadas no lombo de mulas e burros, em 28 de março de 1872 iniciou-se o tráfego ferroviário pela Cia Paulista de Estrada

de Ferro de Jundiaí a Valinhos. Inicialmente, os trens eram utilizados para o transporte de sacas de café em grãos, com destino ao Porto de Santos.

O tráfego na Cia Paulista começou a aumentar após 1888, com o fim da escravidão, que diminuiu a mão de obra e a chegada dos imigrantes italianos, que impulsionaram a agricultura. Foi construído uma pequena estação, com frente para o bairro Capuava.

Em seguida foi construída a Estação de Samambaia, de frente para o atual Jardim São Marcos, que servia ao embarque dos fazendeiros de Campinas(...)".

(Folha de Valinhos – 06 de setembro de 2003)

"(...)A chegada da Ferrovia registra e assinala de maneira efetiva a periferia de Campinas conhecida como Valinhos. Ao redor da pequena Estação ("grande" para a localidade na época), surgiram as "primeiras" ruas no sentido urbano (Rua 7 de Setembro e Rua 12 de Outubro), casas residenciais e comerciais, pequenas indústrias e espaços sociais de convivência. A Estação passou a ser o centro não só do transporte e comercial mas também social da pequena comunidade. Foi substituída pela atual em 1913 (hoje Museu de Valinhos), para atender ao crescimento do volume de mercadorias a serem transportadas (...)".

Museu de Valinhos

Projeto Conteúdo

Após a leitura e discussão destes textos, as crianças registraram suas visões, produzidas na relação com seus familiares, a respeito de algumas indagações por mim apresentada, no diálogo estabelecido entre professor e crianças nas discussões após o estudo do meio pelas ruas do município:

1 - O trem era um meio de transporte muito utilizado. O que e quem ele transportava?

2 - Por que a Estação era um local muito importante naquela época?

3 - Nos dias atuais, a Estação tem a mesma importância que tinha naquela época? Por quê?

4 - Dê sua opinião. Será que valeria a pena investir na rede ferroviária, para ativar os trens de carga e de passageiros, entre as diversas localidades? Justifique sua resposta de acordo com nossas discussões.

Alguns registros discentes, a partir das entrevistas e discussões com os familiares:

“1 - O trem transportava sacas de café em grãos e imigrantes italianos.

2 - Era ao redor da Estação que surgiram as primeiras ruas e depois a cidade.

3 - Hoje em dia o trem não é o mais importante meio de transporte. Hoje as pessoas, os animais e as cargas são transportados por caminhões, ônibus e carros, pois as estradas melhoraram muito.

4 – Valeria a pena investir na rede ferroviária, pois ele é um transporte mais econômico, não polui o ar, leva mais rapidamente as cargas e passageiros e diminuiria os acidentes no trânsito”.

“1 – Os trens transportavam sacas de café e os carros de 1ª classe transportavam os donos das fazendas.

2 – Porque os trens transportavam o nosso ouro verde que era o café.

3 – Não, porque agora o trem não é tão utilizado.

4 – Sim, porque deveria investir-se no passado. E a passagem não ficaria tão cara como a do ônibus”.

“1 - Transportava sacas de café e pessoas que vinham e iam de um lugar para outro.

2 – Ela foi o ponto de partida para o progresso da cidade.

3 – Não, porque agora o movimento maior está nas estradas se nas rodovias do país, pois é um transporte mais rápido e confortável.

4 – Seria importante, mas as estradas ainda estão em melhores condições que a linha do trem”.

“1 – As pessoas iam de uma cidade a outra usando o trem, que transportava também grãos, mercadorias e animais.

2 – Porque era o ponto de encontro dos valinhenses, o local onde as pessoas esperavam ou despediam-se de seus familiares e amigos. Era ali que chegavam as mercadorias também,

3 – Infelizmente não, porque as pessoas acham que já é um lugar ultrapassado..

4 – *É claro que sim, assim o transporte ficaria mais barato, as mercadorias chegariam mais rápido ao seu destino. Menos acidentes aconteceriam. Seria interessante melhorar os carros dos trens, para que os passageiros pudessem utilizá-lo também como meio de transporte para ir e vir de vários lugares”.*

Nota-se divergências nas opiniões discutidas, evidenciando a noção de que o mais novo (moderno) seria o melhor, embora não se questione o que esse “novo” traz de ilusão de progresso, pois parece-nos que o que fica na mente dos sujeitos é um sistema de valores que fortalece esse “novo” como sinônimo de bem estar e melhoria na qualidade de vida.

Porém, se por um lado citam que os trens já não têm tanta importância como tinha antigamente, pois atualmente utilizam-se as rodovias para escoar a produção e para transporte de passageiros; por outro lado, discutem a questão ambiental, a diminuição de acidentes, o barateamento do transporte ao investir-se mais na malha ferroviária.

Fortuna (2001) nos diz:

“Ao me aproximar destas reflexões sobre os riscos da hegemonia das representações sem História na nossa sociedade, fui percebendo que também o próprio cotidiano escolar no seu formar/informar acaba, em determinadas situações, valorizando alguns procedimentos coadunados com os princípios da indústria cultural e apresentando um sistema de valores vinculado à lógica dominante, impondo assim, como verdade, uma única forma de leitura e de conhecimento do mundo. Nestas situações, a História e a linguagem chegam aos alunos através de discursos que valorizam apenas uma exposição lógica e objetiva do

conteúdo, discursos monológicos que limitam a imaginação, o saber crítico e a memória histórica."

Segundo Fortuna, construir conhecimento significa fazer uma aproximação entre a história e a pluralidade dos discursos, desenvolvendo nos alunos a capacidade crítica e problematizadora, onde os sentidos nunca estão encerrados numa única versão.

Nesse ponto de vista os discursos não são algo pronto e acabado, que existe para além do sujeito, mas sim fruto de suas interlocuções com esses discursos.

É importante, então, que a criança possa confrontar as diferentes opiniões, para inseri-las num contexto mais amplo e poder discuti-las e entendê-las, observando as várias facetas que as formaram.

BAÚ DE MEMÓRIAS – RESISTÊNCIAS/ PRESERVAÇÃO

MUSEU DE VALINHOS



Foto 14 – Antiga Estação Ferroviária de Valinhos – 1913



Foto 15 – Museu de Valinhos – 1996

A visita ao Museu de Valinhos, antiga Estação Ferroviária do município, possibilitou momentos de bastante discussão, pois as crianças puderam estar frente a frente com outras fontes documentais, relativas aos espaços que havíamos discutido, debatido e de outros mais do universo do município.

No Museu, as crianças puderam observar os textos, os objetos, as imagens fotográficas, os lugares, os documentos pessoais de ilustres e de desconhecidos moradores da cidade.

Houve muito interesse das crianças em registrar as condições de vida das pessoas que viveram na época em que Valinhos era ainda uma pequenina cidade do interior de São Paulo. Ficaram fascinados com esse mergulho no passado, através das histórias, dos móveis, das roupas, dos utensílios ali presentes.

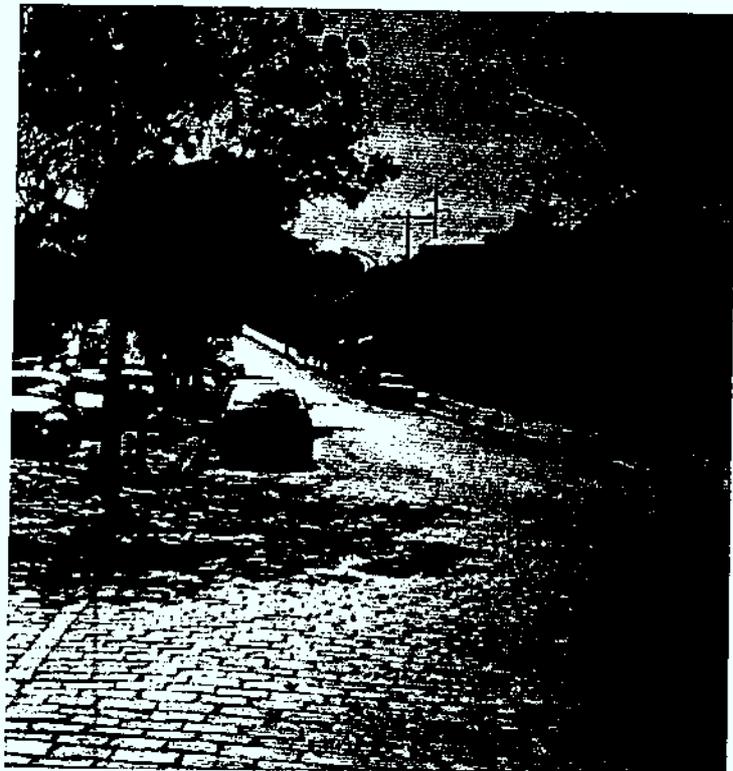
As crianças deram suas opiniões a respeito do Museu de Valinhos e todos concordaram que bom seria se os trens voltassem a circular como antigamente e pudessem utilizar aquele local também como uma estação de passageiros.

Através dessa visita, as crianças puderam “viajar” ao passado, na relação com a “realidade” presente de Valinhos, compreendendo um pouco sobre a história da cidade, desde o século XIX até os dias atuais.

O Museu de Valinhos, na sua organização atual, pode ser visto como uma tentativa, mesmo que tênue, de resistência cultural de um grupo de pessoas, para preservar sentidos mais ampliados de tempo, de espaço, de relações sociais, das tradições culturais, nesta localidade.

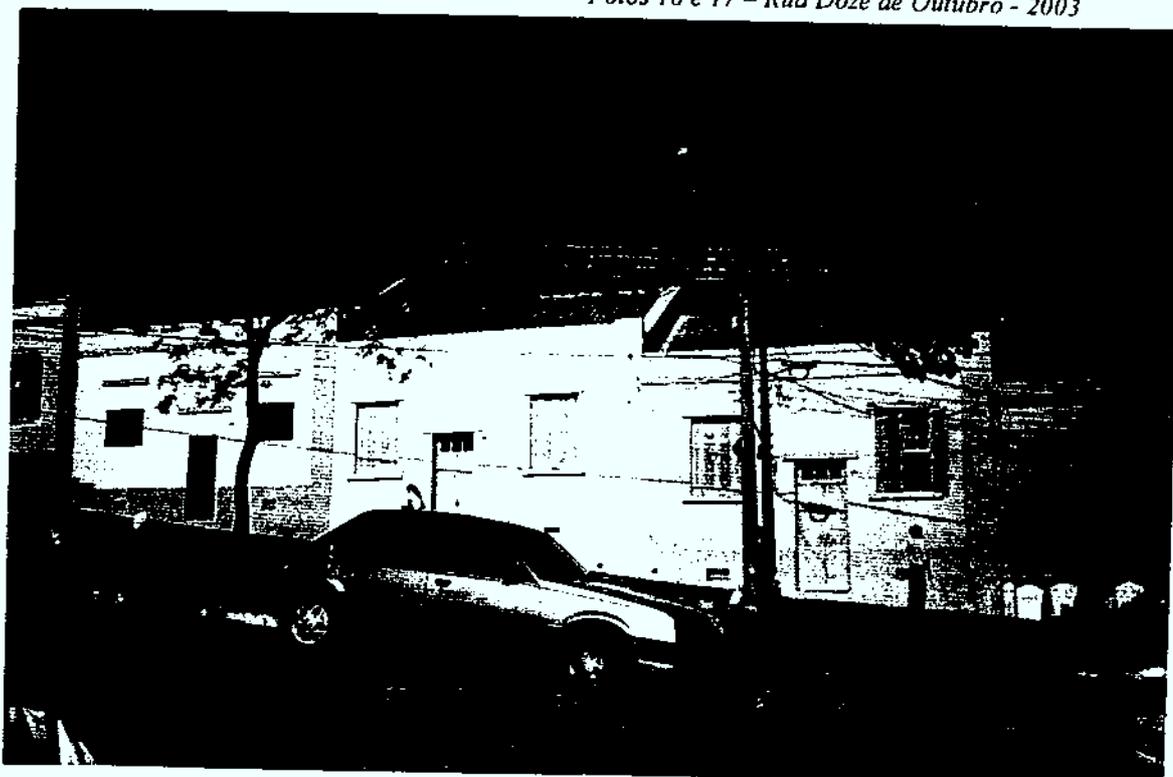
PERMANÊNCIAS? RESISTÊNCIAS? HISTÓRIAS
SIGNIFICATIVAS?

É A RUA DOZE DE OUTUBRO...



UMA DAS RUAS
MAIS ANTIGAS DE VALINHOS

Fotos 16 e 17 – Rua Doze de Outubro - 2003



“Ao contrário da Rua 7 de Setembro, nesta rua poucas mudanças ocorreram. As casas, o canteiro central permanecem iguais.”

“Essa rua não é igual a Rua 7 de Setembro, porque tem mais permanências do que mudanças. Antes as casas na tinham jardins.”

Os relatos apresentados nos permitem uma discussão riquíssima, pois até então havíamos nos deparado muito mais com mudanças, transformações, do que permanências, nos locais que visitamos e nas relações sociais que observamos.

Porém, particularmente na Rua 12 de outubro, evidenciaram-se as permanências do local. As crianças ficaram encantadas e espantadas ao se depararem com aquelas construções.

Nesta rua observa-se que há também a classe trabalhadora juntamente com os moradores que estão ali há algum tempo, mas que não trabalham, pois são na sua maioria aposentados, famílias mais antigas da cidade.

Observamos o moleiro, o restaurador de sofá e um botequim como casas comerciais presentes no local. Se pensarmos na linha férrea que separa esta rua da rua Sete de Setembro perceberemos uma diferença entre aqueles que detêm o poder, pois os capitalistas do lado de lá não são do mesmo porte dos do lado de cá. Enquanto na Doze de Outubro prevalece um trabalho mais artesanal ou até mesmo como ponto de encontro, como é o caso do botequim, na Sete de Setembro prevalece as lojas de departamentos e sua impessoalidade.

As permanências citadas tanto no âmbito comercial como nas moradias e no modo de vida dos moradores desta rua podem ser vistas como formas de resistência cultural de hábitos mais significativos e mais humanos de um viver urbano, nesta localidade, amalgamadas à mudança, relativas à dimensão de tempo cada vez mais como trabalho.

Os moradores desta rua são famílias antigas da cidade, que permanecem neste local, apesar do avanço crescente da urbanização vertical e até mesmo das lojas comerciais que ganham espaço entre as moradias mais antigas.

Quanto às construções, conversamos sobre os costumes arquitetônicos do início do século XX, na pequena cidade de Valinhos. Eram casas sem jardins, com as portas de entrada em contato direto com a rua, bem como as janelas frontais. Umas ao lado das outras, bem coladinhas.

As crianças discutiam sobre o comportamento das pessoas em outra época, tão diferentes dos de hoje. Conversamos sobre como era a vida, provavelmente não havia a violência dos dias atuais, não se percebia muita preocupação com a segurança ao construírem-se essas moradias, não se tinha o tempo como elemento dinheiro ou produção. Conversamos sobre como era aquela rua, com os namoros e os divertimentos dos seus pais, avós e até bisavós.

Novamente, lembranças, ressignificados para uma história que não é estática, feita apenas de grandes heróis, mas de sujeitos comuns e, por serem comuns, tão importantes e imprescindíveis para a construção da história dos valinhenses.

REFLETINDO UM POUCO MAIS...

“A história não é ordem. É desordem: uma desordem racional. No momento mesmo em que mantém a ordem, isto é, a estrutura, a história já está a caminho de desfazê-la”.

Thompson na relação com Sartre (1981)

Infância... Tempo... Lembranças...

“E eu não sabia que minha história era mais bonita que a de Robinson Crusóé.”

Esses versos de Carlos Drummond de Andrade trouxeram-me inspiração para tecer minhas considerações finais a respeito deste trabalho.

Quando rememoramos momentos significativos de nossas vidas, lugares aos quais pertencemos, passamos a ressignificá-los, analisando-os sob diferentes ângulos.

Este trabalho, antes de quaisquer considerações de cunho educacional, tocou-me enquanto pessoa e profissional docente que sou, pertencente à história deste município.

A cada lugar visitado, a cada entrevista comentada lá estava eu, dando as mãos com o tempo, voltando ao passado, meu passado, nosso passado. Rememorando a infância nas ruas da cidade, quando caminhava para a escola, quando brincava no campo de futebol que é agora palco de um “entra e sai” de ônibus coletivos, quando fazia as travessias no cano que cortava o córrego, equilibrando-me e fazendo peripécias para não cair.

As brincadeiras, onde as crianças se embrenhavam pelas ruas da vizinhança e contavam seus segredos umas às outras. Um tempo em que as pessoas com as quais nós convivíamos ainda tinham tempo - aquele tempo relacionado ao lazer - para ficarem sentados à frente de suas casas, vendo-nos brincar na rua. Constituíam-se, assim, um entrosamento social que ultrapassava a barreira da faixa etária ou da classe social.

Nós gostávamos de escalar as encostas dos morros, parecendo “grandes desbravadores” da mata. Hoje essas encostas são ruas ou avenidas íngremes, asfaltadas, tão movimentadas e... ao mesmo tempo, tão “vazias”.

E ali, naqueles lugares visitados com as crianças, fomos percebendo que o que foi marcante para mim e hoje rememoro e revisito com um novo olhar, racional, mas também sensível, poético, também o será para elas, num futuro bem próximo.

Então, sob essa ótica, não mudaram somente os lugares.

Mudou muito mais que somente os lugares.

Mudaram as relações humanas, a relação com o meio ambiente. Chegou o progresso e com ele, o atropelo, a correria. Percebo então, uma diminuição ou até mesmo uma ausência da produção de narrativas, presentes naqueles lugares que freqüentávamos ou passávamos, considerados pontos de encontro entre as pessoas.

No mundo moderno, a arte de narrar perde espaço paulatinamente e as pessoas têm uma dificuldade em trocar mutuamente suas experiências, justamente porque estão todos mergulhados numa sociedade marcada pela competitividade e pelo atropelo cotidiano. O conhecimento, tão importante e presente nas narrativas interpessoais, passa a ser visto como uma

mercadoria, e a memória é renegada a um plano inferior, na construção desse conhecimento. Ora, como seria possível isso, se as narrativas constituem-se em conhecimento?

Segundo a idéia benjaminiana, a narrativa está adquirindo uma forma mais evidente, mais utilizada e, por isso mesmo, preocupante e ameaçadora, que é a informação. Essa informação é perigosa, pois apresenta uma versão absoluta e única para os fatos e acontecimentos, ao ponto que a narrativa, em sua gênese, permite-nos refletir sob vários ângulos, enxergando várias direções.

Lendo Walter Benjamin, numa citação de Fortuna (2001), ficou claro para mim a sua reflexão a respeito da importância da narrativa na comunicação entre os homens, tão minada pelos atropelos e correrias do mundo moderno:

“São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências.”

Os lugares visitados por mim e pela turma da segunda série nos evidenciaram essa observação.

E, ainda, os questionamentos deixados por Galzerani (2002), na relação com Walter Benjamin (1975), nos ajudam nesta reflexão:

“Até que ponto contemporaneamente temos sido autômatos, enredados nas teias do próprio sistema é a grande pergunta que ele nos deixa. Até que ponto temos consciência de nós mesmos e

dos outros – consciência que deve ser concebida historicamente, ser situada na rede temporal – se reproduzimos, muitas vezes, o universo simbólico do “sempre igual”?

Se buscamos hoje as respostas a estas indagações, é porque conseguimos produzir rememorações da nossa história. Rememoramos e ressignificamos os lugares, as relações sociais, o conceito de progresso, enfim, analisamos mais criticamente as mudanças e permanências sentidas e observadas.

Lá longe...

Nas ruas da cidade...

“E eu não sabia que minha história
era mais bonita que a de Robinson Crusóé.”



Foto 18 – Vista aérea parcial da cidade de Valinhos - 1999

As atividades propostas neste trabalho, desenvolvidas ao longo de um ano letivo da segunda série, procuraram (re)constituir histórias da cidade e de cada um, enquanto sujeitos participantes desta história. O foco pretendeu ser o de conscientizar a criança de seu papel de agente histórico e transformador, a partir do momento em que ela conhece a “realidade” que os cerca. Assim, futuramente, ela poderá lembrar e ressignificar a história da cidade e de si mesma.

Conhecendo o local em que vive e no qual passa a maior parte do tempo, a criança vai construindo relações de pertencimento a esse local, favorecendo, conseqüentemente, a construção de sua cidadania.

Ela vai percebendo-se como cidadão constituinte da “realidade” local, quando constata que tem direitos. Mas, que direitos são esses que temos e que nem sempre são respeitados? A cidade apresenta vários problemas sociais, como falta de moradia, desemprego, violência urbana, fome, falta de saneamento básico.

E se temos direitos, também temos deveres. Dever de reivindicar justamente a melhoria deste quadro social injusto. Dever de participar, como cidadão, de discussões que procurem soluções para estes problemas. Dever de não calar diante das injustiças que presenciamos. Dever de preservar este local que também nos pertence.

Construir a cidadania é, segundo Dimenstein (2000)), o direito de viver decentemente. E as crianças vão se relacionando, racional e sensivelmente, com o espaço e as pessoas da sua comunidade e vão desenvolvendo a capacidade de reivindicar seus direitos, expressar suas idéias, enfim, lutar por uma sociedade mais justa e igualitária. Mas isso

implica, também, em deveres. Mesmo que cotidianos, esses deveres fortalecem o sujeito nesse diálogo com a sociedade em que está inserido, como: não jogar papel na rua, respeitar os sinais de trânsito, não destruir o que pertence a todos, o que é público.

Toda essa discussão vai trazendo informações e favorecendo o entendimento de conceitos significativos para que se conheça e se interprete a nossa “realidade”, amadurecendo as reflexões e proporcionando uma maior compreensão do mundo social.

Nessas relações e discussões prevalece um conhecimento que promove a reflexão, o pensamento, a elaboração de hipóteses e conclusões, que favorece a interação, o questionamento, o espírito crítico, enfim, uma construção elaborada que não será esquecida. Há uma ampliação da dimensão de ser sujeito, como pessoa humana, dotado de racionalidade e de sensibilidade, na relação com outras pessoas humanas. Portanto, uma ampliação, tanto da dimensão psicológica, como social de ser sujeito da história.

Durante todo o desenvolvimento do projeto as crianças: puderam desenvolver pesquisas em fontes históricas, tanto escritas, quanto orais, quanto iconográficas; dialogaram com pessoas, com imagens, artigos de jornais, documentos pessoais e autobiografias, bem como com imagens iconográficas, dentre as quais o acervo fotográfico do município; compararam informações sobre os locais e as relações sociais observadas e discutidas; discutiram e elaboraram registros escritos em forma de textos, desenhos, fotos; identificaram mudanças e permanências, não só no âmbito físico, como também no âmbito social. Trabalharam, individualmente e em

grupos, de maneira a discutir entre os seus pares a importância de se conhecer historicamente um determinado fato ou lugar; ou seja, porque ocorreram mudanças, quem eram as pessoas que participavam daquele local ou fato. Os desenhos e cartazes que fizeram sobre os vários pontos visitados da cidade demonstraram uma sensibilidade ao detalharem aspectos das construções, das pessoas que encontraram, dos veículos na rua. Rica experiência e gratificante retorno foi a receptividade dos pais, que se mostravam bastante satisfeitos ao discutirem sobre a cidade em que vivem com seus filhos e resgatarem suas memórias enquanto sujeitos dessas histórias. Percebi, em relatos na reunião de pais, que alguns deles se encontraram como pessoas que fazem parte dessa história e que puderam ampliar seus conhecimentos a través do trabalho dos filhos.

Era isso mesmo o que se esperava, através desse trabalho. Que as atividades propostas e desenvolvidas propiciassem às crianças perceberem-se enquanto sujeitos participantes da história em que estão inseridos, plantando nelas um espírito mais crítico e investigativo e, ao mesmo tempo em que recuperam as memórias da cidade, poderem visualizar que os locais, os hábitos, os costumes não mudam de maneira casual, mas são produtos das experiências sociais, enquanto necessidades, interesses, contradições. Sendo assim, a Proposta Curricular da CENP (SEE/S.P.) para o Ensino de História, de 1992, ampara-se em E. P. Thompson para afirmar que:

"(...) ao recuperar a experiência humana, homens e mulheres retornam como sujeitos. Não no sentido de 'sujeitos autômatos, indivíduos livres', e sim na qualidade de pessoas que vivem suas experiências dentro de determinadas relações, enquanto necessidades/interesses/antagonismos; trabalham-nas em suas

consciências e sua cultura de múltiplas formas, agindo sobre sua situação histórica a partir dessas reflexões”.

Nesta experiência educacional, podemos dizer que a produção do conhecimento foi pautada nas relações acima descritas e citadas, pois a criança vive, em seus espaços, necessidades, interesses, passando por momentos de contradições quanto à sua postura, ao seu modo de pensar, resistindo a certas imposições e percebendo que, assim como ela, a sociedade também é permeada por essas relações.

Sendo assim, a história é feita por sujeitos que agem sobre ela, constantemente. Nesse sentido, pode-se dizer que o trabalho desenvolvido ao longo do ano letivo foi prazeroso e trouxe a nós, crianças e professora, sensibilidades e reflexões, entusiasmo e gosto pelo conhecimento da história da cidade, pela nossa história. As crianças sempre trazendo “novos” sentidos e indagações sobre o cotidiano local, sobre as histórias antigas e a “realidade” atual.

Interessante constatar que, no ano seguinte, os alunos já na 3ª série, (re)constituem momentos, discussões, análises do projeto desenvolvido com o tema “memórias”, enriquecendo as aulas de história e geografia. Ou seja, conseguem articular os conceitos e as reflexões do ano anterior aos temas atuais de estudo. Situam a “realidade” local dentro de uma “realidade” mais ampla e que engloba a primeira.

Desta maneira, segundo as idéias psicológicas de Vygotsky (2000), procurou-se trabalhar com as crianças no nível de desenvolvimento proximal, ou seja, propiciando condições para que elas elaborem habilidades e conhecimentos socialmente disponíveis, que passarão a

internalizar posteriormente. Despertando-as para as reflexões a respeito do mundo que as cercam, questionando-o, observando-o com olhares sensíveis, porém críticos. Nas atividades do projeto, predominantemente coletivas, o que se presenciou foi um aprendizado visto como um processo social, enfatizando o diálogo e as diversas funções da linguagem no desenvolvimento cognitivo mediado.

Para este autor, através do conceito de desenvolvimento proximal, há a transformação de um processo interpessoal (social) num processo intrapessoal. A zona de desenvolvimento proximal é, segundo Vygotsky (2000):

“a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes.”

Então ao ler, reler, sentir, emocionar-me com o trabalho realizado com as crianças, posso crer que, apoiando-me nessas teorias, “aquilo que é a zona de desenvolvimento proximal hoje, será o nível de desenvolvimento real amanhã – ou seja, aquilo que a criança pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã”. (VYGOTSKY,2000)

Através das mediações, dos diálogos, das lembranças e ressignificados de hoje, realizados durante toda a dinâmica do projeto, as crianças estarão, no amanhã, percebendo-se como sujeitos ativos da história, conseguindo analisar com maior clareza e profundidade as

transformações, em relação ao espaço e às relações sociais, no decorrer do tempo.

O projeto, porém, não se restringiu apenas às atividades aqui descritas. Além de todos os aspectos citados neste trabalho, outras temáticas foram debatidas e discutidas com as crianças, podendo citar: o futebol, grande paixão dos valinhenses; o desenvolvimento econômico da cidade, englobando o setor industrial, comercial e agrícola; a Festa do Figo, importante evento social, econômico e turístico do município, que tem como objetivo primeiro divulgar o principal produto agrícola da cidade, o “figo-roxo”; a trajetória educacional, com os primeiros grupos escolares sendo inaugurados; os movimentos e expressões culturais, com as histórias dos cinemas valinhenses, a biografia do compositor valinhense Adoniran Barbosa e os atrativos turísticos de Valinhos, com ênfase na preservação dos patrimônios públicos.

Porém, esses aspectos não foram detalhados por se tratarem de momentos do projeto em que houve uma visão prevalecente culturalmente, com ênfase na seqüência cronológica dos fatos, no progresso como um elemento que afetou apenas positivamente os sujeitos, os cidadãos da cidade.

E se nós entendemos a história como um processo voltado para a interlocução entre as pessoas, que constroem suas visões de mundo a partir das experiências socialmente localizadas, distanciamos-nos da concepção presente no parágrafo anterior. Acreditamos que na relação entre os vários campos do social, prevalecendo a idéia de que o conhecimento não é dado

pelo professor, mas é produzido pelos alunos, nas relações com seus pares e, sobretudo, com a professora.

Então, é justamente nas atividades a que nos propomos discutir aqui que, de fato, pudemos dialogar com as visões históricas de E.P Thompson, pois trabalhou-se com o passado permeado por relações sociais e não como um aglomerado de histórias separadas, fragmentadas. E essas relações sociais, observadas e discutidas ao longo das atividades foram marcadas, determinadas, modificadas, entendidas e até mesmo rejeitadas, dependendo das visões sociais e materiais do sujeito que a analisa. Essas relações sociais expressam-se segundo as preocupações, os valores, as metas de cada geração, sexo ou classe a que ele pertence.

Mas não podemos cair apenas numa visão subjetiva da história, pois estaríamos novamente fragmentando-a, observando-a unilateralmente, distanciando-nos dos objetivos propostos para a construção do conhecimento histórico.

O que fizemos foi dar “significados” ao passado. Dotá-lo de sensibilidades tal, que possibilitassem a inclusão de um sujeito dotado de visões ampliadas e críticas, que percebesse que os conceitos e as hipóteses a cerca da história podem ser questionadas, (re)vistas, (re)analisadas e que pudesse formular “novos” conceitos e “novas” hipóteses, aprimorando ou até mesmo rejeitando as concepções iniciais a que teve acesso.

perceber.

Pude constatar, na relação entre as crianças e também na relação deles comigo, que o que realmente importa não é “conhecer” os fatos do

BIBLIOGRAFIA

BENJAMIN, W. **A modernidade e os modernos**. Trad. Heidrun Krieger Mendes da Silva, Arlete de Brito & Tânia Jatobá. Rio de Janeiro, 1975. Tempo Brasileiro.

_____ **A obra de arte no tempo de suas técnicas de reprodução**. In BENJAMIN, W., ADORNO, THEODORO & GOLDMAN, L. *Sociologia da arte IV*. Org. Gilberto Velho. Rio de Janeiro, 1969. Zahar Editores.

BRASIL. **Proposta Curricular para o Ensino de História – 1º Grau**. Secretaria de Estado da Educação. São Paulo, 1986. Serviço de Documentação e Publicações

_____ **Proposta Curricular para o Ensino de História – 1º Grau**. Secretaria de Estado da Educação. São Paulo, 1992. Serviço de Documentação e Publicações.

_____ **Proposta Curricular para o Ensino de História – Ensino Fundamental**. Secretaria de Estado da Educação. São Paulo, 1997. Serviço de Documentação e Publicações.

CABRINI, C. (org.) **Ensino de História: Revisão Urgente**. São Paulo, 2000. EDUC – Editora da Puc-SP.

CÂMARA MUNICIPAL DE VALINHOS. **Memorial do Centenário**. Valinhos, 1996. Câmara Municipal de Valinhos.

DIMENSTEIN, G. **Cidadão de Papel**. São Paulo, 2000. Editora Ática.

FORTUNA, C. R. A. P. **O Ensino da História – Uma Narrativa Aberta**. Tese (mestrado). Campinas, Faculdade de Educação, UNICAMP, 2001.

GALZERANI, M. C. B. **Imagens entrecruzadas de infância e de produção de conhecimento histórico em Walter Benjamin.** In FARIA, A. L. G. & DEMARTINI, Z. B. F. & PRADO, P. D. *Por uma cultura da infância.* Campinas, SP, 2002. Autores Associados.

GALZERANI, M. C. B. **Percepções culturais do mundo da escola: em busca da rememoração.** In *Anais do III Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História.* Campinas, 1999. Gráfica da FE/UNICAMP.

LUDKE, M. & ANDRÉ, M. E. D. **Pesquisa em educação: abordagem qualitativa.** São Paulo, 1988. EPU.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. **Introdução aos parâmetros curriculares nacionais.** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997. MEC/SEF.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. **História e Geografia.** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997. MEC/SEF.

PARÓQUIA DE SÃO SEBASTIÃO. **Revista Comemorativa do Centenário da Paróquia de São Sebastião.** Valinhos, 2000. Gráfica Benfica.

PENTEADO, H. D. **Metodologia do Ensino de História e Geografia.** São Paulo, 1991. Cortez Editora.

PRADO, A. F. (org.) **Repensando o tempo, o espaço e as relações sociais.** In SCHIMIDT, M. A. & CAINELLI, M. R. (orgs), *III Encontro Perspectivas do Ensino de História.* Curitiba, UFPR, 1999. Aos Quatro Ventos.

PRADO, A. **Poesia reunida.** São Paulo, 2001. Editora Siciliano.

SENNETT, R. **O declínio do homem público: As Tirantias da Intimidade.** São Paulo, 1989. Companhia das Letras.

SPADACCIA, J. **As Façanhas do Bepe Leão aos 90 anos: Na História de Valinhos.** Valinhos, 2003. Gráfica São José.

THOMPSON, E. P. **A Miséria da teoria ou um planetário de erros.** Rio de Janeiro, 1981. Zahar Editores.

_____ **Costumes em Comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional.** São Paulo, 1998. Companhia das Letras.

VON SIMSON, O. **Som e imagem na pesquisa qualitativa em ciências sociais.** In Anais do Seminário: Pedagogia da imagem, imagem na Pedagogia. Niterói, Universidade Federal Fluminense, 1995.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente.** São Paulo, 2000. Martins Fontes.

ZAMBONI, E. **As Linguagens e a Produção do Conhecimento no Ensino Fundamental de História.** In SCHIMIDT, M. A. & CAINELLI, M. R. (orgs), III Encontro Perspectivas do Ensino de História. Curitiba, UFPR, 1999. Aos Quatro Ventos.

ANEXO

CRÉDITOS DAS ILUSTRAÇÕES

Foto nº 1 – página 22

Largo São Sebastião – 1948, focalizado do alto da Igreja São Sebastião, tendo ao fundo a Estação Ferroviária Paulista. Poucos prédios permanecem no local até hoje, entre eles a casa do padre, in *Jornal de Valinhos*; Pazzinato, Haroldo: década de 1990(?).

Foto nº 2 – página 22

Largo São Sebastião – década de 1950(?), quando a Festa do Figo era realizada neste local, in *Memorial do Centenário*, Câmara Municipal de Valinhos; Pazzinato, Haroldo: 1996, p.32.

Foto nº 3 – página 23

Igreja São Sebastião – 1934, tendo como pároco Casimiro Gomes de Abreu. Nesta época, quase toda a população participava de procissões e a maioria assistia às missas de vestido, paletó e gravata, in *Jornal de Valinhos*; Pazzinato, Haroldo: década de 1990(?).

Foto nº 4 – página 23

Antigo coreto do Largo São Sebastião – década de 1970 (?), in *Memorial do Centenário*, Câmara Municipal de Valinhos; Pazzinato, Haroldo: 1996, p.25.

Foto nº 5 – página 30

Largo São Sebastião – 2003, momento de registro em que as crianças iniciam o estudo do meio pelas ruas centrais de Valinhos, preparando-se para um período de grandes descobertas e discussões, in fotos do acervo do Colégio Carpe Diem; Salvato, E.M.B.: 2003.

Foto nº 6 – página 31

Vista aérea da cidade de Valinhos – década de 1990, in *Cartão Postal – Museu de Valinhos*; Parodi, Marcos: 1999.

Foto nº 7 – página 34

Igreja Matriz de São Sebastião – década de 1990, in Cartão Postal – Museu de Valinhos; Parodi, Marcos: 1999.

Foto nº 8 – página 35

A turma toda reunida à frente da Câmara Municipal de Vereadores de Valinhos – 2003, in fotos do acervo do Colégio Carpe Diem; Salvato, E.M.B.: 2003.

Foto nº 9 – página 40

As crianças observam tudo atentamente, sentadas nas arquibancadas da atual Rodoviária de Valinhos – 2003, in fotos do acervo do Colégio Carpe Diem; Salvato, E.M.B.: 2003.

Foto nº 10 – página 41

Encontro de trabalhadores realizado no Clube Atlético Valinhense, década de 1940 (?), in Revista Comemorativa do Centenário da Paróquia de São Sebastião, Affonso, R.M.B. e D'Ávila, F.L.A., Valinhos: Gráfica Benfica, 2001(?), p.53.

Foto nº 11 – página 46

A turma da segunda série percorrendo e observando a Rua Sete de Setembro – 2003, in fotos do acervo do Colégio Carpe Diem; Salvato, E.M.B.: 2003.

Foto nº 12 – página 47

Vista da Rua Sete de Setembro – 1956, ponto central e de maior movimento que dava acesso à estação ferroviária, que começava na porteira da linha férrea, in Memorial do Centenário, Câmara Municipal de Valinhos; Pazzinato, Haroldo: 1996, p.24.

Foto nº 13 – página 54

Estação Ferroviária de Valinhos – década de 1960 (?), in Memorial do Centenário, Câmara Municipal de Valinhos; Pazzinato, Haroldo: 1996, p.20.

Foto nº 14 – página 60

Antiga Estação Ferroviária de Valinhos – 1913, in Cartão Postal – Museu de Valinhos; Parodi, Marcos: 1999.

Foto nº 15 – página 60

Museu de Valinhos – 1996, in Cartão Postal – Museu de Valinhos; Parodi, Marcos: 1999.

Fotos nº 16 e 17 – página 62

A turma percorre a Rua Doze de Outubro – 2003, in fotos do acervo do Colégio Carpe Diem; Salvato, E.M.B.: 2003.

Foto nº 18 – página 68

Vista aérea da cidade de Valinhos – 1999, in Cartão Postal – Museu de Valinhos; Parodi, Marcos: 1999.

